

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Curso de Psicologia

PEDRO ERNESTO DE SOUZA SANG

FANTASIAR, SIMBOLIZAR E BRINCAR: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MUNDO INTERNO E  
MUNDO EXTERNO NA TEORIA KLEINIANA

São Paulo

2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Curso de Psicologia

PEDRO ERNESTO DE SOUZA SANG

FANTASIAR, SIMBOLIZAR E BRINCAR: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MUNDO INTERNO E  
MUNDO EXTERNO NA TEORIA KLEINIANA

Trabalho de conclusão de curso  
como exigência parcial para a  
graduação no curso de  
Psicologia, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Célia Maria de Souza  
Terra.

São Paulo  
2011

Ao Lipe,  
com saudades e lembranças da nossa infância.

## **Agradecimentos**

Esse trabalho é uma elaboração de algumas experiências que tive durante a graduação. Gostaria de agradecer:

À Vera Regina Fonseca por ter me dado a oportunidade de trabalhar atendendo um caso.

À Luciana Pires, por ter me supervisionado e acompanhado nesse caso.

Ao meu analista, pois Psicanálise só faz sentido a partir de uma boa experiência de análise.

À Elisa Ulhôa Cintra, pela atenção, dedicação e disponibilidade para ensinar.

À minha orientadora Célia Terra pela liberdade que me deu para pensar e escrever esse trabalho.

Aos meus colegas e amigos pelas discussões e apoio.

E por fim, ao meu pai, meu grande professor e à minha mãe por seu terno amor.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. MÉTODO.....	8
3. CAPÍTULO 1: Realidade psíquica e fantasia inconsciente.....	9
3.1. O conceito de fantasia inconsciente na teoria kleiniana.....	13
3.2. Fantasia e objetos internos.....	18
4. CAPÍTULO 2: Fantasia e simbolização.....	23
5. CAPÍTULO 3: O brincar.....	32
5.1. O brincar e o símbolo: uma ilustração clínica.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	52

**Sang, Pedro Ernesto S. Fantasiar, simbolizar e brincar: um estudo psicanalítico sobre a relação entre mundo interno e mundo externo na teoria kleiniana.**

**Orientador: Prof<sup>a</sup> Célia Maria de Souza Terra.**

### **Resumo**

Esse é um trabalho que procura tratar da relação entre mundo interno e externo através da análise dos conceitos de fantasia inconsciente, simbolização e brincar baseados na teoria de Melanie Klein. A elaboração desses conceitos foi ampliada a partir dos trabalhos de Hanna Segal, Susan Isaacs e Caper. A constituição do mundo interno se fundamenta na formação dos objetos internos, intimamente relacionados à fantasia inconsciente, e que se expressam através do brincar da criança ligado aos processos de simbolização. A noção de realidade se estabelece na distinção entre mundo interno e externo. No capítulo 1 desenvolverei o conceito de realidade psíquica e fantasia inconsciente, e a importância da fantasia inconsciente para a constituição de um mundo interno. Esses conceitos serão analisados tendo em mente como eixo a natureza inter-relacional da relação entre realidade interna e externa. No segundo capítulo, tratarei dos processos de simbolização como processos implicados na construção e expressão das fantasias inconscientes que nos permitem ter acesso a esse mundo interior constituinte e constituído na experiência da criança. No terceiro capítulo, me deterei em examinar a importância do brincar no desenvolvimento do indivíduo como forma de explorar de maneira ativa realidade interna e externa. Essa pesquisa teórica é uma elaboração de algumas experiências vividas durante o processo de graduação em Psicologia.

Palavras-chaves: brincar; fantasia inconsciente; Melanie Klein; mundo externo; mundo interno; simbolização.

## 1. Introdução

O meu interesse para fazer esta pesquisa partiu de duas experiências de trabalho que tive durante a graduação.

No meu primeiro ano de faculdade, devido minha ânsia por experienciar a Psicologia em algum campo de trabalho, procurei um estágio na escola Grão de Chão. Esse estágio durou quase seis meses e foi quando pude ter contato com crianças e com a escola, pela primeira vez, sem ser aluno. Ser adulto naquele lugar e estudante de psicologia era uma experiência completamente nova e que me re-enviou para a minha infância. O universo infantil, cheio de fantasias, brincadeiras, aprendizados e medos que as crianças da escola me apresentavam, me obrigava dia-a-dia a recorrer a memórias na minha história que me fizessem me aproximar da realidade daquelas experiências.

Além das minhas próprias memórias, as histórias infantis começaram a me despertar grande curiosidade. Muitas das histórias contadas eram histórias que eu também ouvia nos meus tempos de escola e que rapidamente me traziam algumas lembranças. Além disso, o interesse e o entusiasmo das crianças ao escutar a leitura das histórias me levavam cada vez mais próximos do universo infantil de príncipes e princesas, super-heróis e bruxas.

Portanto, minha pergunta era: como os elementos da cultura (histórias, músicas, brincadeiras) ajudam a criança a lidar com seus conflitos psicológicos?

Mais tarde, no segundo ano da faculdade, comecei a fazer o acompanhamento terapêutico (AT) de um menino de doze anos, diagnosticado como autista que chamarei de G. Essa foi a segunda experiência de trabalho durante a graduação e, que mudou radicalmente a minha idéia sobre a infância. Se, por um lado, o trabalho na escola me remetia aos meus tempos como aluno de maternal, os acompanhamentos com G me exigiam pensar numa infância ainda mais remota, da qual pouco tinha acesso. Nesse momento, comecei a estudar os estágios mais primitivos da mente pela ótica da Psicanálise, principalmente, da Psicanálise de tradição inglesa, já que comecei a participar do grupo de monitoria de Melanie Klein coordenado pela prof<sup>a</sup> Elisa Cintra.

Nesse momento, a questão que mais chamava atenção e me exigia um esforço muito grande para compreender as experiências emocionais de G era: o que é uma experiência concreta?

Minha pesquisa, portanto, começou pela leitura de “A Psicanálise dos contos de fada” de Bruno Bettelheim (1903), que justamente se propõe a responder a seguinte questão: “Porque os contos de fadas são tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de suas personalidades”. (p.23)

Para o autor, “num conto de fadas, os processos internos são externalizados e tornam-se compreensíveis enquanto representados pelas figuras da estória e seus incidentes” (Bettelheim, 1903, p.33), e dessa forma torna-se terapêutico por possibilitar ao paciente a construção de uma solução própria para seus conflitos internos nessa etapa da sua vida.

O conteúdo das histórias não diz respeito à vida exterior, mas aos problemas interiores das crianças. Dessa forma, o começo dos contos de fadas marca o distanciamento da concretude da realidade cotidiana: “Era uma vez..., num velho castelo dentro de uma floresta densa e grande...” para atingir os sentimentos das crianças por meio de uma linguagem de símbolos.

Ao ler sobre os contos de fadas a pergunta que me veio foi: por que externalizar os conteúdos internos?

Bettelheim (1903) responde essa questão dizendo:

“Se as pressões internas da criança predominam – o que acontece com frequência – o único caminho pelo qual ela pode esperar obter algum controle sobre elas é a externalização. Ordenar as várias facetas da sua experiência externa é uma tarefa árdua para a criança; e a menos que consiga ajuda, isso se torna impossível, uma vez que a experiência externa se mistura com as internas. Por sua própria conta, a criança ainda não é capaz de ordenar e dar sentido a seus processos internos. Os contos de fadas oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável. Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí por diante, como requeiram suas necessidades momentâneas” (p.82).

A leitura de “A Psicanálise dos contos de fadas” parecia me dar pistas sobre a minha primeira pergunta: como os elementos da cultura (histórias, músicas, brincadeiras) ajudam a criança a lidar com seus conflitos psicológicos? Mas, no caso do meu paciente de AT, parecia que estávamos falando de crianças que alcançaram estágios de desenvolvimento diferentes. Intuitivamente, eu sentia que na experiência de G não existia uma distinção tão clara entre interno e externo e, portanto, não se tratava somente de externalizar seus conteúdos internos e encontrar representação nas figuras das estórias.

No grupo de monitoria de Klein, começamos a ler “Os sujeitos da Psicanálise” de Tomas Ogden e “A negação” de Freud. Essas leituras foram muito importantes, pois desencadearam diversas reflexões sobre a constituição do sujeito na Psicanálise e alguns processos de desenvolvimento na aquisição de uma mente.

No artigo “A negação”, Freud tratará, entre outras coisas, da oposição entre o subjetivo e o objetivo, questão que será fundamental na minha pesquisa. Até então, mundo interno e externo para mim eram coisas que *em si* estavam separadas e, portanto, internalizar algo do externo ou externalizar algo interno faziam sentido. Porém, a partir da leitura deste artigo, subjetivo e objetivo, interno e externo perderam as fronteiras que, antes, os delimitavam tão claramente.

Para Freud, toda representação (objeto de satisfação acolhido no ego) provém de percepções, ou seja, aquilo que é interno é repetição do externo. Porém, a oposição entre objetivo e subjetivo se estabelece pelo fato de que o pensamento tem a capacidade de voltar a tornar presente algo já percebido apenas pela reprodução da representação, ou seja, sem a necessidade da presença/existência do objeto exterior. Portanto, o principal objetivo da prova de realidade não é a de encontrar o objeto externo correspondente ao representado, mas, reencontrá-lo e se convencer de que ele ainda existe.

Ainda nesse trabalho, Freud define pensamento como: “uma ação experimental, um tatear motor com um mínimo dispêndio de descarga” (Freud, 1915, p.297). Mas sua pergunta é: “onde o ego teria exercitado antes este tatear, em que lugar aprendeu esta técnica agora empregada nos processos de pensamento?” (Freud, 1915, p297)

Sua hipótese é de que a origem da função intelectual do juízo está naquilo que originariamente seria função do princípio de prazer: inclusão no ego ou expulsão para fora dele. Porém, esta função só se torna possível pelo fato de que a criação do símbolo da negação permite ao pensamento uma certa independência dos efeitos da repressão e, assim, do princípio do prazer.

Como já dito, muitas questões surgiram desta leitura. Primeiro, os objetos que contemos internamente são repetições dos objetos externos expostos à percepção? Segundo, qual a diferença entre um objeto incluído ou expulso do ego, originários do princípio de prazer e, de um objeto interno que é uma representação do objeto externo? E, terceiro, qual a origem do pensamento, quais são as atividades mentais necessárias para que se conquiste a capacidade de pensar?

Outra leitura importante para pensar a questão entre o subjetivo e o objetivo foi o trabalho "Objetos transicionais e Fenômenos transicionais" de Winnicott. O autor tratará desta questão, não a partir da reflexão sobre a capacidade de pensar, mas desde o nascimento do indivíduo.

Winnicott afirma que "desde o nascimento (...) o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido" (Winnicott, 1971, p.26). Ogden (1996) afirma que no centro do pensamento winnicottiano "está a noção de que o sujeito que vive, que experiencia, não existe nem na realidade nem na fantasia, mas num espaço potencial entre as duas" (p.46), e que, certamente, uma contribuição fundamental para compreendermos esse sujeito winnicottiano é o conceito de relação de objeto transicional.

Objetos transicionais são a primeira posse do bebê que seja 'não-eu', ou seja, "objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa" (Winnicott *apud* Ogden, p.49). Seu interesse está justamente em estudar essa área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido.

Os fenômenos transicionais são criados no espaço entre a mãe e o bebê e sua função principal ocorre nessa área, que Winnicott denomina ilusão. A mãe no começo, ao se adaptar à necessidade do bebê, cria a esse a ilusão de que o seio está sob seu controle mágico, "dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar" (Winnicott, 1971, p.26). Essa modalidade de relação mãe-bebê na qual a mãe é experienciada como extensão do bebê é que possibilita o uso do objeto transicional.

A relação com o objeto transicional tem como característica essencial o paradoxo entre o subjetivamente criado e objetivamente percebido: "a característica essencial (...) é o paradoxo e a aceitação do paradoxo: o bebê cria o objeto, mas o objeto ali estava, à espera de ser criado" (Winnicott, 1971, p.27).

Nessa relação com a primeira posse 'não-eu' do bebê, ou seja, com a pontinha do lençol, um paninho ou um ursinho, é que o bebê se vê confrontado com a realidade do mundo fora dele mesmo. Segundo Ogden (1996), "essa confrontação total com o real torna-se possível devido ao fato de que o objeto transicional nunca deixa de ser a criação do bebê, um reflexo dele mesmo no mundo" (p.50). Portanto, criar e descobrir o objeto parece ser a primeira relação que funda os conflitos entre externalidade/internalidade, eu/não eu, real/imaginário, subjetivo/objetivo que estará presente em toda a vida do sujeito. A importância da área intermediária da experiência que não é contestada, ou seja, "de que nunca formulemos a pergunta: 'Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?'" (Winnicott, 1971, p.28) é proporcionar o alívio dessa tensão gerada pelo conflito entre realidade interna e externa. Essa área caracterizará todo o campo cultural e é nesse ponto que o tema objetos e fenômenos transicionais se ampliará na obra de Winnicott, inclusive, para o Brincar.

A partir desse ponto, comecei a ligar a minha primeira questão, ou seja, qual a importância das histórias, músicas e brincadeiras no desenvolvimento de uma criança, à segunda, o que é uma experiência concreta? Segundo o conceito de transicionalidade de Winnicott, as histórias, músicas e, principalmente, o brincar caracteriza uma área onde o sujeito poderá lidar com a tensão do conflito entre realidade interna e externa. Porém, entendo que o pensamento concreto seja uma fase do desenvolvimento que anteceda a transicionalidade, pois, assim como relatei sobre os acompanhamentos com G, não parecia haver uma distinção entre realidade interna e externa, ou seja, a experiência concreta parecia dizer respeito a um estado de fusão entre interno e externo, assim como descrito por Winnicott na época em que a criança está mergulhada na vivência materna primária.

O brincar, portanto, se mostrou um tema importantíssimo para se pensar a relação entre realidade interna e externa, e assim, aprofundar as questões suscitadas na minha experiência de estágio na escola. Além disso, percebi que juntar essa questão à minha experiência de AT demandaria estudar não apenas o brincar, mas o não-brincar, já que G demonstrava-se incapaz de brincar, uma vez que suas fantasias rapidamente pareciam se tornar realidade, ou seja, não parecia existir o "faz-de-conta".

Juntar todas essas questões me fez pensar sobre: como a criança constrói a sua experiência?

Essa pergunta foi a maneira que encontrei para começar a investigar o que Winnicott afirma sobre o paradoxo da experiência da criança entre o que é

objetivamente percebido e subjetivamente concebido. Falar da experiência da criança é equivalente à noção de realidade psíquica nos termos de Freud?

Capier (1990) ao examinar a evolução da teorização de Freud conclui que no modelo de mente psicanalítico o que importava era o significado subjetivo da experiência para o indivíduo, que não era dado pela dinâmica da descarga de energia do modelo neurológico inicial. Ele passou a se preocupar não com as recordações encobertas em si, mas com a combinação de percepção e fantasia carregada de emoção, que era a versão inconsciente da memória, chamando essa combinação de *realidade psíquica*. Isso fez Freud concluir que a realidade psíquica é mais importante do que a realidade material dos fatos, ou seja, o significado subjetivo da experiência nos casos de histeria não dependia mais de uma recordação fiel dos fatos traumáticos. O conceito de realidade psíquica implica numa relevância emocional.

Melanie Klein parte do modelo psicanalítico de mente de Freud para entender como a criança passa a pensar por si mesma, a desenvolver o juízo crítico e a aprender com suas próprias experiências. Ela entendia que a sua questão dizia respeito ao desenvolvimento intelectual da criança, o que a levou a pensar inicialmente que a origem desses problemas de desenvolvimento, inibição da inteligência, devia estar no ambiente e, que se as crianças pudessem estar num ambiente no qual sua curiosidade fosse estimulada, de todas as maneiras possíveis, seu potencial intelectual se realizaria plenamente.

Entretanto, ao observar as inibições das crianças, Klein foi descobrindo que existiam fatores correspondentes aos que inicialmente ela atribuía ao ambiente, no interior da mente das crianças. Esses fatores envolvem as fantasias inconscientes, que são a expressão das emoções correspondentes aos anseios pulsionais e que podem ser claramente observados nas brincadeiras e jogos das crianças.

“O que havia começado como uma suposição de que o desenvolvimento adequado ou inadequado era determinado pelo ambiente se transformou numa investigação cujos resultados demonstraram que o desenvolvimento inicial da criança dependia fortemente do impacto de suas próprias fantasias e sua realidade psíquica, o que levantou a questão de saber como as fantasias inconscientes poderiam desempenhar um papel tão importante num estágio tão rudimentar do desenvolvimento mental. Klein descobriu que a vida das crianças pequenas é literalmente dominada por sua realidade psíquica: seus impulsos e fantasias sádico e amorosos, e os respectivos derivados formam todos uma

complexa matriz interna de onde se origina o restante de sua vida mental e emocional.” (Caper, 1990, p.166)

Portanto, nesse trabalho, desenvolverei o conceito de realidade psíquica e fantasia inconsciente no capítulo 1, e a importância da fantasia inconsciente para a constituição de um mundo interno. Esses conceitos serão analisados tendo em mente como eixo a natureza inter-relacional da relação entre realidade interna e externa.

No segundo capítulo, tratarei dos processos de simbolização como processos implicados na construção e expressão das fantasias inconscientes que nos permitem ter acesso a esse mundo interior constituinte e constituído na experiência da criança.

No terceiro capítulo, me deterei em examinar a importância do brincar no desenvolvimento do indivíduo como forma de explorar de maneira ativa realidade interna e externa.

A ordem que segui nesse trabalho segue uma lógica mais didática de compreensão do desenvolvimento psíquico desde os estados de indiferenciação entre realidade interna e externa até estados de maior diferenciação que possibilitem o brincar. A forma que encontrei de escrever sobre a relação entre mundo interno e externo colocando os conceitos de fantasia, simbolização e o brincar nesta ordem, foi a maneira mais fácil que encontrei para fazê-lo e, diz respeito a maneira como fui entendendo a constituição de uma mente nessa relação com a realidade. Fui entendendo, conforme fui estudando, que o desenvolvimento psíquico do indivíduo, parte de um estado de fusão entre mundo interno e externo para um estado de maior diferenciação. Isto é, o desenvolvimento não se dá de modo linear numa ordem causal quando tratamos da constituição de uma mente no indivíduo. Utilizando-me das idéias de Ogden, entendo que o sujeito se constitui dialeticamente, num movimento contínuo em que estados de fusão e de diferenciação entre mundo interno e externo se negam, preservam e criam um ao outro.

## **2. Método**

O método utilizado para desenvolver esse trabalho foi a leitura crítica de textos que pudessem configurar um conjunto de trabalhos pertinentes ao objetivo: relacionar os conceitos de fantasia inconsciente, simbolização e brincar, tendo como eixo a relação entre mundo interno e externo. Dessa forma, esse trabalho é uma pesquisa teórica tendo como referencial teórico básico a teoria psicanalítica, principalmente, em sua vertente kleiniana.

### 3. Capítulo 1: Realidade psíquica e fantasia inconsciente

*“No fundo, o que denominamos estados emocionais são fantasias inconscientes”*

Robert Caper (1990)

O livro de Robert Caper “Fatos imateriais” discute com clareza o modelo da mente elaborado por Freud, levando em conta o contexto histórico que transformou o modelo inicial neurológico da mente ao que conhecemos hoje como Psicanálise.

Para Caper, o modelo da mente pré-psicanalítico de Freud era mecânico, ou seja, um modelo que acabara por reduzir o funcionamento da mente ao funcionamento de um objeto inanimado. O desenvolvimento desse modelo ao que a Psicanálise concebe como mente se deu justamente na tentativa de Freud libertar-se da compreensão dos fenômenos humanos de forma mecânica.

“O primeiro modelo de Freud retratava a mente como uma simples rede de neurônios onde se armazenavam e transmitiam cargas elétricas. Essas cargas surgiam sob o impacto físico de estímulos do meio ambiente: luz, ondas sonoras, pressão de contato físico na pele etc. Os princípios dominantes que governavam o aparelho eram as leis físicas da termodinâmica, as quais ditavam que o nível de energia interna desse aparelho deveria ser sempre mantido o mais baixo possível. Isso significava que a mente precisava descarregar continuamente a energia adquirida com os estímulos do meio ambiente”. (Caper, 1990, p.30)

Esse primeiro modelo de mente estava baseado nos estudos de Freud sobre a histeria. A histeria, portanto, era uma deficiência no processo de descarregar a energia pela maneira normal desse modelo, que acabava por se acumular, surgindo na forma de sintomas. Entretanto, nesta época, Freud constata que o acúmulo desta energia poderia encontrar descarga, caso o estímulo que a tenha originado, e que havia sido esquecido, pudesse ser lembrado com nitidez. O estímulo originário, portanto, constituía o trauma sexual, vivenciado pelo indivíduo quando criança. Cabia ao analista, portanto, refazer junto ao paciente um caminho de associações que o levassem do sintoma à recordação esquecida do estímulo traumático.

A associação entre o sintoma e o estímulo traumático para Freud, nesse modelo de mente, segundo Caper, está fundamentada apenas “por serem impressões de acontecimentos próximos uns aos outros no tempo ou no espaço”. Isso sugere que, a

origem de um sintoma de histeria está na associação de acontecimentos com conexões acidentais de tempo e espaço e, que, portanto, não possuem significado emocional próprio do sujeito, sendo assim, apenas uma cadeia de acontecimentos concretos numa relação de causa e efeito.

À medida que Freud adotou esse modelo de, através do relato do paciente, fazer com que este relembresse a origem do estímulo originário do sintoma, passou a se deparar com coisas que estavam além das lembranças. Segundo Capier (1990): “Sem dúvida, parte do que seus pacientes lhe contavam se originava de experiências semi-esquecidas, mas os relatos do passado dessas pessoas também continham elementos provenientes de fantasias”. (p.31)

Os relatos dos pacientes, muitas vezes, estavam distorcidos por fantasias, ou mesmo, se apresentavam como puras fantasias. Era muito difícil para o paciente e, inclusive para Freud, distinguir as fantasias dos fatos reais. Dessa forma, “A intrusão da fantasia inconsciente confundia todo o seu projeto” (Capier, 1990, p.31).

Capier relata que, então, Freud se vê impossibilitado de eliminar a influência das fantasias nos relatos e nas impressões do sujeito sobre sua própria história e, portanto, passou a estudá-las. Os relatos distorcidos do real não se davam por um tipo psicótico de pensamento, mas pela peculiaridade das fantasias.

*“As fantasias eram todas inconscientes, carregadas de emoção, e costumavam conter algum fundo de verdade, embora mínimo e distorcido. Elas descreviam os acontecimentos da maneira que o paciente, por uma razão ou por outra, poderia ter desejado que se tivessem passado.”* (Capier, 1990, p.31 [itálico meu])

Podemos notar, portanto, que a fantasia, surge para Freud, como aquilo que caracterizará a vida mental humana como um funcionamento vivo e dinâmico, em oposição ao modelo de mente inanimada, antes adotado. Nesse novo modelo de mente, “o inconsciente contém, além de recordações fiéis de acontecimentos materiais, fantasias que são amálgamas de memória e desejo – e os dois tipos de idéia tem exatamente o mesmo efeito sobre a mente”. (Capier, 1990, p.31)

É a fantasia, portanto, justamente o que caracterizará a subjetividade do indivíduo, já que diz respeito a suas impressões, expectativas e significados particulares do mundo e, mais ainda, é aquilo que fundamentalmente o distinguirá dos outros e do mundo. É, principalmente, sobre esse aspecto da fantasia que pretendo dar ênfase nesse trabalho, desenvolvendo uma reflexão sobre a natureza da fantasia e a relação do indivíduo com a realidade. Ao desenvolver especificamente o conceito de fantasia

elaborado por Klein e, posteriormente, desenvolvido por Susan Isaacs e Hanna Segal, tratarei da importância da fantasia na constituição de uma mente própria do indivíduo no seu processo de diferenciação do mundo e delimitação entre seu interior e exterior, entre sua subjetividade e a objetividade do mundo, sinteticamente, entre a realidade interna sua relação com a realidade externa.

Uma mudança fundamental na compreensão de Freud dos fenômenos humanos se dá a partir desse momento. Os acontecimentos reais da vida do sujeito deixam de ter importância para o estudo das neuroses, dando lugar a um outro olhar sobre os sintomas neuróticos, com ênfase na forma como o paciente tinha vivenciado o real, ou seja, “*o significado subjetivo dos acontecimentos*, e não seu impacto psicológico sobre o aparelho mental” (Caper, 1990, p.31 [itálico meu]).

Para este autor, o significado inconsciente, subjetivo, dos acontecimentos reais dos pacientes de Freud se encontrava, justamente, nas fantasias inconscientes. A atenção de Freud, portanto, não estava mais voltada às recordações encobertas em si que, inicialmente, originavam o trauma, mas à “*combinação de percepção e fantasia carregada de emoção*, que era a versão inconsciente da memória” (Caper, 1990, p. 32 [itálico meu]). Essa combinação, Freud chamou de *realidade psíquica*.

Foi essa mudança no foco de atenção aos fenômenos humanos que abriu caminho para um novo modelo de mente, o que, para Caper, tornou Freud um psicanalista. A compreensão do humano está baseada na investigação da realidade psíquica. “Na realidade psíquica, as experiências e as idéias são imbuídas de significado pelos temores e pelos desejos do sujeito. O conceito de realidade psíquica implica uma relevância emocional” (Caper, 1990, p.32).

O modelo de mente inanimado original de Freud é, agora, todo complexificado e colorido pela emoção. Os acontecimentos, recordações, esquecimentos e descargas elétricas deixam de ter um significado em si e, o foco do psicanalista passa a ser a importância emocional inconsciente que cada sujeito atribui à experiência. A fantasia inconsciente tem um papel fundamental, pois é a expressão de uma vida mental subjetiva que carrega o significado emocional que o sujeito atribui ao mundo e a si próprio.

Minha escolha por elaborar um capítulo inteiramente sobre o conceito de fantasia se baseia na idéia de que a oposição entre a realidade externa ou material e a realidade psíquica se fundamenta na fantasia. Assim como Caper diz que Freud, num certo momento, se deparou com relatos de pacientes que, muitas vezes, distorciam e não

tinham nenhuma relação com os acontecimentos reais, mas que, posteriormente, ganham importância central na compreensão dos fenômenos humanos, me vi na obrigação de estudar qual é a relação da fantasia e da realidade externa, já que “os dois tipos de idéia tem exatamente o mesmo efeito sobre a mente” (Caper, 1990, p.31).

O que estou chamando de realidade?

Minha proposta aqui não é fazer uma discussão filosófica sobre o que é a realidade. Minha intenção é discutir sobre a importância do fantasiar, simbolizar e brincar na constituição do mundo interno de uma criança e sua relação com o mundo externo, sob o vértice da Psicanálise. Mundo externo e interno é uma distinção teoricamente necessária, pois a experiência nos revela uma relação entre interno e externo na qual somos incapazes de distinguir, separar e definir fronteiras claras entre um e outro.

Ao tratar de mundo externo e interno me refiro a realidade interna e realidade externa. Portanto, explico que parto do pressuposto de que há uma diferença entre aquilo que é interno, que corresponde a uma interpretação do sujeito, suas significações e sentidos emocionais, e aquilo que é externo, ou seja, tudo aquilo que difere de suas interpretações.

Adoto a sugestão de Ogden (1996) a respeito da natureza dialética da relação entre realidade interna e externa, na qual estas se opõem numa mútua dependência. Ogden, ao tratar da dialética entre consciência e inconsciente, afirma que os componentes dessa relação podem ser comparados a conjuntos vazios: cada um preenche o outro. Consciência e inconsciente se relacionam de forma que “cada um constitui uma presença afirmada pela ausência no outro” (Ogden, 1996, p.16).

Essa proposição de Ogden nos leva a pensar que não vivemos duas realidades separadas, uma puramente subjetiva ou interna, e uma puramente objetiva, material ou externa. Vivemos uma única experiência que é, justamente, a inter-relação entre realidade interna e externa, na qual ambos coexistem numa relação de diferença mutuamente definida. Só é possível distinguir o mundo interno do sujeito na ausência deste no mundo externo, ou seja, as fantasias e representações que constituem o mundo interno não são mera reprodução daquilo que é percebido, mas uma interpretação única, investida de libido, capaz de transformar as qualidades do objeto percebido de forma a recriá-lo para si. A compreensão da experiência, portanto, não se reduz à soma do

funcionamento inconsciente ao funcionamento consciente, mas a natureza dialética inter-relacional entre inconsciente e consciente.

### **3.1. O conceito de fantasia inconsciente na teoria kleiniana**

Nesse momento, passarei a definir e discutir o conceito de fantasia inconsciente presente na obra de Melanie Klein, baseado nos textos de Caper (1990), Hanna Segal (1982) e Susan Isaacs (1952). Escolhi tratar de fantasia no início deste trabalho para seguir uma ordem lógica, levando em conta que Freud, segundo Caper, considerava os processos que produzem as fantasias como uma das primeiras operações mentais, denominando-as, assim, “processos primários”. Dessa forma, o fantasiar antecede o brincar e, portanto, partirei do conceito de fantasia inconsciente para, posteriormente, desenvolver sua relação com o brincar, dando ênfase à relação entre mundo interno e externo.

Segundo Caper, apesar de Freud ter sido forçado a manter seu modelo fisiológico em suspenso, quando se tratava de adulto ou crianças mais velhas, ele ainda o aplicava à vida mental mais “primitiva”, ou seja, à infância. Dessa forma, os “processos primários” eram compreendidos como “mecanismos fisiológicos primitivos e pré-mentais que facilitavam a descarga de tensões pulsionais do aparelho nervoso” (Caper, 1990, p. 169).

Ainda segundo o autor, “Freud jamais tentou estabelecer precisamente a linha divisória entre a neurofisiologia do bebê e a psicologia da criança” (Caper, 1990, p. 169). A vida mental primitiva do bebê e da infância não era uma questão clínica urgente para Freud, já que este estava mais preocupado com a análise de adultos. Dessa forma, o problema dos primeiros estágios da vida mental ficou suspenso e, segundo Caper, limitado à “*terra incógnita* da infância” (Caper, 1990, p.170).

Nesta época, o autor afirma que, o interesse de Klein pelo estudo e compreensão dos estágios primitivos da mente era uma resposta a uma questão fundamental para a análise de crianças, já que esta, justamente, tratava dos estágios iniciais da vida mental.

“Klein foi obrigada a enfrentar a questão da experiência real do bebê. Sua solução era extraordinariamente simples. Ela supôs, como hipótese de trabalho, que o relacionamento estabelecido por Freud entre anseios pulsionais e o tipo de

fantasias inconscientes associadas ao conteúdo latente do sonho no adulto se aplica desde o próprio começo da vida” (Caper, 1990, p.170).

Segundo Hanna Segal (1982), o conceito de fantasia inconsciente, portanto, se torna central na teoria kleiniana. A autora afirma que Klein amplia e reformula esse conceito, ao tratar da importância da fantasia inconsciente dinâmica na vida mental da criança, dando maior peso ao conceito freudiano de fantasia.

Segal aponta duas características fundamentais implícitas no conceito de fantasia: elas são, em todos os indivíduos, onipresentes e sempre ativas. Estas duas características indicam uma ampliação do conceito, já que a presença da fantasia deixa de ser um indicativo de doença ou perda de sentido da realidade. Dessa forma, o funcionamento psíquico do indivíduo está determinado pela presença da fantasia, mais especificamente, pela natureza das fantasias inconscientes e o modo como estão relacionadas com a realidade.

Susan Isaacs (1952), em seu artigo “Natureza e função da fantasia”, elaborou a relação entre fantasia inconsciente, instintos e mecanismos mentais, a partir do pensamento de Freud, para fundamentar o pensamento e a técnica de análise de crianças de Melanie Klein. Fantasia, portanto, pode ser considerada *o representante psíquico ou a expressão mental do instinto*.

Hanna Segal, citando Strachey, indica uma ambigüidade no uso de Freud do conceito de instinto. Strachey resume que Freud não estabelecia nenhuma distinção entre o instinto e seu representante psíquico. Isto é, considerava o próprio instinto como o representante das forças somáticas. No entanto, Strachey aponta que em artigos posteriores, pode-se encontrar uma distinção mais clara entre o instinto e seu representante psíquico. Em “O inconsciente”, Freud (1915) afirma: “Um instinto jamais pode tornar-se um objeto de consciência – somente a *idéia* que representa o instinto é que pode. Mesmo no inconsciente, além disso, um instinto não pode ser representado de outra forma senão por uma *idéia*” [itálico meu].

A questão que está presente é a transformação do que originalmente seria orgânico em psíquico. Hanna Segal afirma que, o que aparece como distinção clara entre o instinto e o seu representante psíquico está contida na afirmação de que o instinto está presente no psiquismo como uma *idéia*. O instinto deixa de ser o próprio representante das forças orgânicas, para ser representado mentalmente por uma *idéia*.

Essas idéias que representam o instinto mentalmente são, na definição de Susan Isaacs, as fantasias primitivas originais. Dessa forma, a ação dos instintos é representada

e expressa na vida mental do sujeito pela fantasia da existência de um objeto capaz de satisfazer apropriadamente o instinto.

“Como os instintos agem a partir do nascimento, é necessário admitir a existência de alguma vida grosseira de fantasia desde o nascimento.” (Segal, 1982, p.68) Segal ilustra a presença dessas fantasias a partir do exemplo da primeira fome do bebê. Esta fome é sentida, e o esforço instintual do bebê para satisfazê-la é acompanhado pela fantasia de que há um objeto capaz de satisfazê-la. Dessa forma, ao presumir-se que as fantasias estão presentes representando mentalmente os instintos, desde o nascimento do indivíduo, considera-se que há uma vida mental, mesmo que muito primitiva, desde o início da vida humana.

Porém, essas fantasias originárias são vivenciadas pelo indivíduo tanto como fenômenos somáticos quanto mentais. Nesse momento, não há uma distinção clara entre o mundo interno/psíquico e a realidade externa. Esta indistinção é justamente o que caracteriza a fantasia numa fronteira entre o somático e o psíquico, ou seja, entre as forças orgânicas e as idéias que as representam. Além disso, a vida mental do indivíduo nesse momento da vida funciona sob um princípio de prazer, o que implica em fantasias onipotentes e, portanto, “os objetos fantasiados e a satisfação deles derivada são experimentados como acontecimentos físicos” (Segal, 1975, p.24).

Capier (1990) detalha o aspecto concreto da vivência das fantasias primitivas, considerando-as mais como sensações somáticas do que como imagens abstratas. “Quanto mais primitiva a fantasia, mais ela é vivenciada como uma sensação somática. É difícil distinguir entre os sentimentos contidos nos impulsos e nas emoções do bebê e os sentimentos físicos” (p.171)

É importante dizer que, nesse momento da vida, as sensações do corpo no bebê são os fundamentos da fantasia inconsciente. Em outras palavras, Figueiredo e Cintra (2010) afirmam:

“As sensações corporais são muito importantes na formação das fantasias: estas são as configurações psíquicas básicas das mais arcaicas sensações e sentimentos, formando e constituindo os lugares psíquicos nos quais se criam as mais profundas imagens inconscientes do corpo e das memórias pré-verbais.” (p. 71)

O conceito de fantasia inconsciente de Klein, que presume uma vida mental primitiva desde o início da vida do indivíduo, está relacionado ao conceito freudiano de satisfação alucinatória do desejo. Freud afirma que o bebê, desde o início, reage a

situações de privação alucinando um objeto adequado a satisfação de seu desejo. Por exemplo, diante da situação de fome, o bebê passa a sugar o polegar alucinando um seio ideal capaz de satisfazê-lo.

Segundo Hanna Segal, a satisfação alucinatória do desejo aparece como a expressão da vida de fantasia do indivíduo. Contudo, a satisfação alucinatória nunca é completa, ou seja, um objeto de satisfação do desejo alucinado não é capaz de satisfazer o indivíduo por um longo período sem que um objeto real se apresente e promova a real satisfação. O polegar só será capaz de satisfazer o desejo do bebê por um período de tempo. Caso a frustração da ausência de um seio real, capaz de satisfazê-lo, se mantenha por um longo período, a fantasia da existência de um 'seio ideal' se fragmentará, dando lugar a transformação da fantasia de um 'seio ideal' em um 'seio mau', que promove o sofrimento da privação e ameaça o sentimento de continuidade da existência do bebê. No entanto, se um seio capaz de alimentar o bebê se apresente para este, promovendo sua satisfação real diante da experiência de fome, as fantasias persecutórias presentes durante o período de privação podem ser modificadas pela experiência de uma boa mamada.

Aqui está presente um ponto fundamental para compreender a natureza da relação entre fantasia e realidade. Ainda segundo Segal, o conceito kleiniano de fantasia caracteriza uma nova noção da relação entre a vida mental primitiva e a realidade externa, transformando radicalmente a idéia de fuga da realidade associada a este conceito. Fantasia e realidade estão em constante interação. Enfatizo a idéia, apresentada pela autora, de que esta relação não está presente para o bebê como uma experiência que considere a distinção entre o somático e o mental. A onipotência da fantasia, nesse momento da vida, faz com que o bebê perceba a realidade a partir de suas fantasias, como um acontecimento físico. Experiências boas confundem-se com fantasias ideais e a frustração e a privação são vivenciadas como uma fantasia de perseguição por objetos maus. Portanto, "a experiência da realidade, em interação com a fantasia inconsciente, gradualmente altera o caráter das fantasias, e os traços mnésicos das experiências de realidade são incorporados na vida de fantasia" (Segal, 1982, p. 69).

Mas como a interação com a realidade influencia e modifica a fantasia?

Para examinar esta questão Segal retoma a situação de fome do bebê. Diante da sensação de fome, o bebê começa a alucinar onipotentemente um seio bom capaz de satisfazê-lo. Duas situações poderão causar experiências muito diferentes para ele: Primeiro, sua mãe poderá apresentar o seio na justa medida em que o bebê foi capaz de

suportar a privação de um seio real, através de sua fantasia onipotente de um seio bom. Dessa forma, a fusão entre o seio alucinado e o seio real, apresentado num mesmo momento, causará o sentimento no bebê de que sua própria bondade e a do objeto bom são fortes e duráveis. Esta indistinção entre a bondade do bebê e a do objeto se dá justamente pela natureza onipotente de seu fantasiar, na qual não há uma distinção clara entre o bebê e os objetos. O aparecimento do seio real caracteriza um reforçador da existência de um objeto capaz de satisfazer o bebê adequadamente, assim como, os próprios sentimentos bons do bebê.

Numa outra situação, a mãe não será sensível o suficiente para perceber a fome do bebê e apresentar a ele seu seio. O bebê, portanto, não será capaz de se satisfazer por meio de um seio bom alucinado. A fome e a raiva o dominarão e, em suas fantasias, um objeto mau e perseguidor prevalecerá. Isso causará no bebê a experiência de que sua raiva é mais forte que seu amor, que o objeto mau é mais forte que o objeto bom, ou seja, o sentimento de que não existe um objeto bom capaz de satisfazê-lo.

Dessa forma, fica exemplificado como a experiência com a realidade externa influencia a fantasia inconsciente. A apresentação do seio real confirmando o seio bom fantasiado reforça os sentimentos de bondade e aspectos bons, não só do objeto, mas também do bebê. Da mesma forma, a ausência do objeto bom reforça a fantasia de que os maus sentimentos do bebê determinaram a ausência do seio bom, reforçando o poder dos sentimentos maus de raiva e ódio do bebê durante a frustração.

Além de influenciar a realidade, Hanna Segal (1973) afirma que, as fantasias inconscientes determinam o tipo de seqüência causal atribuída aos acontecimentos. Para isto, a autora utiliza o exemplo de uma criança enurética, cujos pais têm realmente um relacionamento mau e brigam muito. A criança sente que a briga é causada pelos seus próprios desejos, e que seus ataques urinários e fecais atrapalharam e estragaram o relacionamento de seus pais.

“É quando o bebê esteve sob o domínio de fantasias raivosas, atacando o seio, que uma experiência má verdadeira se torna ainda mais importante, visto que confirma não apenas seu sentimento de que o mundo externo é mau, mas também a impressão de sua própria maldade e da onipotência de suas fantasias.”  
(Segal, 1973, p. 26)

Portanto, a natureza inter-relacional entre fantasia e realidade é um aspecto fundamental para se pensar a importância do ambiente no desenvolvimento da criança. O ambiente tem um papel fundamental na infância, pois será ele o provedor das

condições necessárias de desenvolvimento do indivíduo. Porém, não é possível dizer que, por exemplo, na ausência de um ambiente mau não existiriam fantasias malévolas e persecutórias. Dessa forma, o ambiente só pode ser pensado em relação ao que ele significa nos termos dos próprios instintos e fantasias da criança.

As experiências ruins marcarão o modo como a criança poderá perceber-se e perceber o mundo como ruim e ameaçador, caso essas experiências prevaleçam sobre as experiências boas. As experiências boas, por sua vez, tendem a diminuir a raiva, a modificar as experiências persecutórias e a fortificar o amor e a crença do bebê na existência de um objeto bom.

Pode-se, então, sintetizar a natureza inter-relacional entre fantasia e realidade retomando as palavras de Segal (1982):

“A experiência da realidade, em interação com a fantasia inconsciente, gradualmente altera o caráter das fantasias, e os traços mnésicos das experiências de realidade são incorporadas na vida de fantasia. Anteriormente enfatizei que as fantasias originais são de natureza grosseira e primitiva, diretamente vinculadas com a satisfação dos instintos [...] Deste núcleo se desenvolvem fantasias ulteriores. Elas se alteram pelo contato com a realidade, pelo conflito, pelo crescimento maturacional, [...] podem ser deslocados, simbolizados e elaborados e até penetrar na consciência como devaneios, imaginação, etc” (p. 69).

### **3.2. Fantasia e objetos internos**

Até aqui, examinei o conceito de realidade psíquica em Freud e o conceito de fantasia inconsciente em Melanie Klein. Como já dito, esses dois conceitos são de suma importância para pensarmos o que constitui o mundo interno do sujeito. A primeira relação que apontei entre mundo interno e externo se passa pela natureza inter-relacional da relação entre fantasia inconsciente e realidade. Nessa interação dois mecanismos mentais fundamentais estão em jogo: a introjeção e a projeção.

Pretendo, nesse momento, definir esses dois mecanismos e descrever as fantasias inconscientes subjacentes a eles no processo de colocar para dentro algo do mundo externo e, colocar para fora algo do mundo interno.

Caper, em um momento de sua obra faz uma reflexão sobre a importância da fantasia na constituição de um mundo interno e na estrutura da mente. Segundo ele: “as fantasias inconscientes também são responsáveis, em parte, pelo desenvolvimento da estrutura da própria mente” (Caper, 1990, p.172)

Esse tema foi tratado por Freud em “Luto e Melancolia”, artigo no qual definiu o processo de incorporação como: “a maneira como um objeto perdido se instala no ego como consequência de um ‘impulso oral’” (Caper, 1990, p.172). Essa definição foi o disparador para se pensar os processos envolvidos na estruturação da mente, já que diz respeito à instalação de um objeto externo no ego, ou seja, do externo ao interno, por meio de um impulso oral, que é a primeira via de estruturação da mente.

A leitura e a contribuição de Klein para o tema se dão no momento em que ela afirma que, junto ao processo de incorporação, deve haver um representante de fantasia. Para entendermos melhor essa associação do processo de incorporação acompanhado pela fantasia inconsciente utilizarei a descrição da brincadeira de uma criança feita por Caper.

Nessa brincadeira, um menino de quatro anos estava fazendo flocos de neve usando papel e fingindo comê-los. De repente, parou e, com um olhar preocupado, perguntou se as pessoas que engoliam flocos de neve derretiam.

O autor afirma que a brincadeira do menino e sua pergunta revelam a fantasia subjacente ao processo de incorporação elaborado por Freud e suas consequências psicológicas. Os flocos de neve, na fantasia do menino, ao serem engolidos, passariam a residir em seu interior como um “objeto interno” e, por sua vez, interagiriam com a criança de modo a afetá-la, ou seja, os flocos derreteriam o menino.

A contribuição de Klein amplia o olhar sobre o fenômeno da incorporação. O menino que brincava de engolir papel, não só obtinha prazer oral ao estimular a sensorialidade da boca, mas nos revelava uma fantasia inconsciente associada à sensação corporal de “engolir”. Os objetos engolidos passaram a “habitar” concretamente o seu interior e, dessa forma, passaram a constituir um mundo interno repleto de “objetos internos engolidos”. Klein chamou essa fantasia inconsciente de introjeção:

“A introjeção, por sua vez, favorece o desenvolvimento gradual de um mundo interno vivenciado concretamente, formado pelos aspectos do mundo externo que foram ‘engolidos’ e que, portanto, a criança sente como se existissem dentro de si” (Caper, 1990, p.173).

Entretanto, a constituição do mundo interno não envolve apenas a introjeção. Como seu complemento, opostamente a fantasia de ingestão, existe a projeção, ou seja, uma fantasia de excreção. Assim como a introjeção nos faz viver objetos em nosso interior, a projeção age “por meio de fantasias de excreção física, nos faz vivenciar alguma de nossas qualidades como residentes em nosso exterior, num objeto externo” (Caper, 1990, p. 173).

Portanto, introjeção e projeção são ambos os mecanismos implicados no processo de constituição de um mundo interno. Dessa forma, o mundo interno não é pensado apenas como a “ingestão” dos objetos do mundo externo, mas numa relação entre “ingestão” e “excreção”. Assim como já enfatizado anteriormente, interior e exterior se constituem e se fundamentam numa inter-relação. Introjeção e projeção estão numa relação da mesma natureza.

Segundo a leitura de Caper sobre “Luto e melancolia”: “o desenvolvimento do mundo interno depende não só de trazer para dentro o mundo externo, mas também da alteração a que o mundo externo é submetido em primeiro lugar pela projeção” (Caper, 1990, p.173).

A projeção, por sua vez, é capaz de modificar o mundo externo, ou seja, é o meio pelo qual o indivíduo atribui suas qualidades aos objetos do mundo externo e, dessa forma, configuram aquilo que o bebê trará para dentro de si: “A projeção age para disfarçar o mundo externo e, portanto, influencia a experiência do bebê sobre aquilo que pode ser trazido para dentro pela introjeção” (Caper, 1990, p.173).

Dessa forma, através da introjeção e projeção, o bebê irá atribuir sentido emocional a suas experiências. Os objetos concretamente engolidos e excretados, no início, se ampliarão para experiências de satisfação, gratificação, frustração e privação. Sua percepção do mundo, ao atribuir qualidades aos objetos por meio da projeção, será composta de amor e ódio e influenciará aquilo que será engolido e excretado na formação de um mundo interno, ou seja, “os impulsos de amor tendem a produzir a experiência de um objeto ‘bom’, e os impulsos de ódio, de um objeto ‘mau’” (Caper, 1990, p.173).

Nesse processo de atribuir qualidades ao mundo externo a partir da projeção, percebê-lo como objetos bons ou maus, conforme suas experiências de satisfação, frustração e privação, e introjetando esses objetos para dentro de si, o indivíduo começará a constituir seu mundo interno. Os objetos internalizados formam uma rede de memórias repletas de emoções as quais o sujeito terá como referência para relacionar-se

com o mundo. Segundo Caper, “o mundo interno se forma na imagem do mundo externo, muito embora essa seja uma imagem que foi alterada de maneira importante pelo processo da projeção” (Caper, 1990, pp. 173 – 174). Para fundamentar sua idéia, o autor cita Klein (1940):

“Tendo incorporado seus pais, o bebê os sente como pessoas vivas que estão dentro de seu corpo, da mesma maneira concreta em que as fantasias profundas são vivenciadas – em sua mente, eles são objetos ‘internos’ ou ‘externos’, conforme os designei. Assim, na mente inconsciente da criança está sendo desenvolvido um mundo interno correspondente a suas experiências reais e a impressão que recebe das pessoas e do mundo externo, e mesmo assim alterado por suas próprias fantasias e impulsos. (...) Na mente do bebê, a mãe ‘interna’ está estreitamente ligada à mãe ‘externa’, do qual é uma ‘cópia’, embora uma cópia que passa ao mesmo tempo por alterações em sua mente por meio do próprio processo de internalização; isto é, a imagem do bebê é influenciado por suas fantasias e por todos os tipos de estímulos internos e experiências internas. Quando as situações externas que ele atravessa se tornam internalizadas – e afirmo que se internalizam a partir dos primeiros dias -, seguem o mesmo padrão: também se tornam ‘cópias’ de situações reais, e são novamente alteradas pelas mesmas razões” (pp. 325 – 346).

Além disso, Caper chama a atenção para o fato que a interação entre projeção e introjeção, enquanto mecanismos psíquicos, produz os estados mentais. É através desses estados mentais que o sujeito estimula a experiência de maneira a torná-las psicologicamente significativas. Por exemplo, uma sensação ou disposição de confiança, fé e segurança, é o que Caper denomina de estados mentais que, por sua vez, correspondem a fantasias inconscientes de se conter um objeto bom e forte vivendo dentro de nós.

Dessa forma, a interação equilibrada entre projeção e introjeção caracterizará a forma própria como cada sujeito perceberá, atribuirá significado emocional, se diferenciará e, posteriormente, interpretará o mundo:

“O mundo externo da criança é um fator do desenvolvimento psicológico justamente na medida em que contribui para a estrutura definitiva do mundo interno. Essa contribuição, porém, é diminuída pela nuance de fantasia injetada pelo bebê nas experiências reais. Reconhecemo-lo quando falamos da reação exclusiva de cada indivíduo à experiência. É a interação entre fantasia e as

experiências externas (por meio do funcionamento da introjeção e projeção) que leva à alteração gradual e ao desenvolvimento do mundo interno, de maneira exclusiva para cada pessoa, e que constitui o desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo” (Caper, 1990, p.175).

## 4. Capítulo 2: Fantasia e Simbolização

Pudemos compreender a função da fantasia no início da vida do indivíduo. As fantasias originárias e sua relação com a realidade são um ponto fundamental para compreendermos o funcionamento e desenvolvimento psíquico do indivíduo e, caracteriza, inclusive, um critério de saúde mental<sup>1</sup>. Até então me detive a pensar as fantasias como uma expressão psíquica do instinto num momento do desenvolvimento do indivíduo, no qual seu funcionamento psíquico está, fundamentalmente, baseado no princípio de prazer e, portanto, suas fantasias onipotentes proporcionam experiências de indistinção entre o indivíduo e os objetos. As realidades interna e externa, portanto, são experienciadas como uma única e, nas palavras de Hanna Segal, o indivíduo vivencia essa experiência como “um acontecimento físico”. No entanto, é importante ter em mente que realidade interna e externa estão numa relação de natureza inter-relacional, mediada pela interação entre introjeção e projeção, como exposto no capítulo anterior.

Ao desenvolver meu texto sobre fantasia e a formação dos objetos internos, percebi que a construção da experiência da criança no início de sua vida se dá de forma concreta. Como já citei anteriormente, durante uma experiência que tive de acompanhamento terapêutico de um menino diagnosticado como autista, me chamava muito a atenção para o caráter concreto de sua experiência, ou seja, percebia uma experiência de indistinção entre meu paciente e os objetos. Numa dessas experiências, estávamos na piscina e ele não entrava na água. Mais tarde, depois de algumas sessões próximos à piscina, percebi que seu medo estava em escorrer pelo ralo. Parecia-me que sua fantasia era de que o ralo fosse um objeto mau, temido e ameaçador, na medida em que a sensação provocada pelo contato da água em sua pele, o levava a sentir que, ao entrar na piscina, ele se desintegraria.

As fantasias inconscientes, originariamente, estão ligadas às sensações do corpo e formam registros de experiências pré-verbais, distante das palavras e determinadas pela lógica da emoção, por se encontrarem justamente na fronteira entre o psíquico e o somático.

“O tecido das fantasias inconscientes é a primeira forma do ser humano, desde o início da vida, tentar dar algum sentido ao conjunto caótico de estímulos, excitações, reações e tendências que atingem o seu corpo de fora e de dentro, e

---

<sup>1</sup> Ver Melanie Klein (1960) “Sobre a saúde mental”.

que dele se originam. A esta trama originária, podem depois – quase sempre, *devem* – vir a juntar as palavras, seja para formular as fantasias, trazendo-as ao plano consciente, seja para modificá-las e dar-lhes um destino favorável ao crescimento e enriquecimento da vida mental (pela elaboração e transformação), o que será essencial no tratamento analítico” (Figueiredo e Cintra, 2010, p. 81).

Pode-se perceber que a fantasia de desintegrar-se está relacionada às sensações corporais e, portanto, representa as fantasias mais primitivas e pré-verbais. Levando em consideração que Klein pressupõe um *continuum* ininterrupto entre as fantasias mais arcaicas, relacionadas às sensações do corpo e as mais elaboradas, sofisticadas e conscientes, a fantasia de desintegrar-se poderá, posteriormente, encontrar um representante simbólico.

A questão que trataremos nesse capítulo é: como essas fantasias encontram um representante simbólico e qual a sua função? Qual a importância do simbolismo na relação entre realidade interna e externa? Essas perguntas têm origem na experiência de acompanhamento terapêutico citada acima, na qual me perguntava: em que momento e que fase do desenvolvimento<sup>2</sup> deste menino esta distinção entre ele e os objetos não se estabeleceu? A minha intenção é localizar a importância da simbolização no desenvolvimento do mundo interno do sujeito nessa passagem das experiências de indistinção entre mundo interno e externo a uma maior distinção. Nesse sentido, Britton (1997) afirma:

“Para Klein, a simbolização era a base da sublimação primária, que dotava o mundo externo de significado emocional: ‘o simbolismo não só vem a ser o alicerce de toda a fantasia e sublimação, mas, mais do que isso, é a base da relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade em geral’” (p.867).

Para pensarmos no processo de formação de símbolos é antes necessário entendermos as mudanças na relação do ego com os objetos no desenvolvimento da mente do indivíduo. Segundo Hanna Segal (1982), a formação de símbolos começa muito cedo, mas muda de caráter e função conforme as mudanças das relações entre o ego e os objetos. Para a autora, as mudanças não acontecem apenas no conteúdo real do símbolo, mas no processo de formação deste. A forma como os símbolos são usados e formados reflete a fase do desenvolvimento do ego e sua relação com os objetos.

---

<sup>2</sup> Desenvolvimento não será tratado aqui como um processo cronológico temporal e natural, mas como constituído e constituinte de uma relação entre o sujeito, seus impulsos, fantasias e sua relação com o ambiente.

Percebo que até então estávamos tratando no capítulo anterior de um sujeito que opera sob um modo de atribuir significados às experiências<sup>3</sup> numa relação com objetos cindidos entre objetos bons e maus. Essa cisão se dá em função da experiência de gratificação (o que torna o objeto bom ligado a sentimentos de amor) ou de frustração e privação (o que torna o objeto mau ligado a sentimentos de ódio). Melanie Klein irá denominar essa relação de relação parcial de objetos, característica da posição esquizo-paranóide. Na posição esquizo-paranóide, a tendência do ego é de união total com o objeto ideal e a aniquilação do objeto mau do eu (self).

“Nos primeiros meses de vida, o bebê se relaciona com o objeto de amor como um objeto a ser devorado e consumido: isso define uma relação de objeto parcial, ou seja, o objeto de amor não possui autonomia em relação ao corpo do bebê, sendo visto como prolongamento daquele e como um pedaço do mundo a ser consumido ou rejeitado, na medida das necessidades e desejos do bebê” (Figueiredo e Cintra, 2010, p.42).

Como já visto anteriormente, nessa posição o pensamento é onipotente e, portanto, a relação com a realidade é precária e intermitente, ou seja, os objetos fantasiados são experienciados como reais pelo indivíduo. Além disso, praticamente não há o conceito de ausência nesta fase. Quando não existe o estado de união com o objeto bom idealizado, o indivíduo é invadido pelos objetos maus e perseguidores. Tudo isto, constitui a realidade psíquica do indivíduo no início de sua vida.

Segundo Segal, um mecanismo de defesa preponderante nesta fase é a identificação projetiva. Na identificação projetiva, o sujeito, na fantasia, projeta partes de si mesmo (self) no objeto que, por sua vez, se identifica com essas partes e passa a representá-las. Dessa forma, o sujeito é capaz de projetar os objetos internos para fora e, identificados no mundo externo, passam a representá-los. Segundo a autora, estas projeções e identificações são o início do processo de formação dos símbolos.

Estes símbolos primitivos, formados por meio da identificação projetiva, não são sentidos pelo ego como símbolos ou substitutos que *representam* o objeto original, eles são vividos como *sendo* o próprio objeto original. Hanna Segal vê uma diferença muito grande entre estes símbolos primitivos e os que surgirão mais tarde. Dessa forma, propõe um nome próprio para os primeiros. A autora sugere o nome equação e

---

<sup>3</sup> Estou focalizando a questão referente aos modos de atribuição de significado à experiência seguindo a leitura de Ogden (1996) da teoria das posições esquizo-paranóide e depressiva de Melanie Klein.

utilizando-se do termo de Klein (1930) muda para *equação simbólica*. É neste ponto que se encontra a explicação sobre o que é o pensamento concreto.

A equação simbólica entre o símbolo e o objeto original supõe uma não-diferenciação entre os mesmos. Esta não-diferenciação corresponde a uma forma de pensar concretamente do paciente esquizofrênico, como Segal observou. Dessa forma, os substitutos do objeto original são sentidos como sendo o próprio objeto, idênticos a ele. Isto causa uma perturbação entre o ego e o objeto, se considerarmos que o que é projetado nos objetos são partes do ego. Quando identificado no objeto externo, ego e objeto se confundem e se equivalem, obscurecendo a diferenciação entre ego e objeto. Sendo assim, já que uma parte do ego, neste processo, fica equivalente ao objeto, o símbolo passa a ser o objeto simbolizado.

Segal observou esse processo de equação simbólica a partir da resposta de um paciente esquizofrênico ao ser perguntado sobre o porquê de ter parado de tocar violino. Ele se justificou dizendo que não tocava violino, pois não se masturbaria em público. A partir desta resposta, Segal entendeu que violino, para este paciente, equivalia a pênis e, tocar violino equivalia a sua fantasia de se masturbar.

“Na equação simbólica, o substituto-simbólico é sentido *ser* o objeto original. As propriedades do substituto não são reconhecidas ou aceitas.” (Segal, 1982, p.87)

O pensamento concreto, portanto, está na não-diferenciação entre o objeto original e o objeto simbolizado e, mais ainda, entre parte do ego projetado e identificado no objeto.

Segundo Segal, o desenvolvimento do ego e as mudanças na relação do ego com os objetos são gradativos, assim como a mudança dos símbolos primitivos, caracterizados pela equação simbólica, para os símbolos completamente formados na posição depressiva. Isto supõe um grau maior de diferenciação entre o ego e o objeto. O objeto, antes cindido entre um idealmente bom e um mau e perseguidor, agora, na posição depressiva é sentido como um objeto total. Dessa forma, amor e ódio são provocados por um mesmo objeto. O objeto reconhecido como um todo provoca no ego a experiência de ambivalência de maneira mais completa, ou seja, amor e ódio, antes cindidos em dois objetos, se misturam. Os objetos bons que antes tendiam a ser consumidos e, os maus, aniquilados, agora são reconhecidos num mesmo objeto o que impele a uma mudança no alvo instintivo. Dessa forma, o ego, agora, se preocupa em proteger o objeto de sua agressividade e isto implica num grau de inibição dos alvos

instintuais diretos, tanto agressivos quanto libidinais. A relação do ego com o objeto agora passa a caracterizar-se pela culpa, medo da perda ou experiência real da perda e luto. Segundo Figueiredo e Cintra (2010): “Na posição depressiva estar diante do objeto é antes de tudo reconhecê-lo como alguém que desejo preservar e posso perder (...) o bebê ‘começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por amor’” (p.80 - 81).

Além disso, segundo Hanna Segal, nessa posição os processos de introjeção se tornam mais pronunciados que os de projeção, já que há um anseio maior por reter os objetos dentro de si, assim como o de reparar, restaurar e recriar tal objeto. Entendo este ponto como importante para compreendermos a necessidade de um novo processo de formação de símbolos na posição depressiva. Nesse momento:

“A criança se identifica de forma mais completa com o objeto bom e seus anseios libidinais aumentam. Ela precisa introjetar o objeto bom de modo voraz e repetitivo, para assegurar que ele continuará predominando e também porque sente medo de perdê-lo e ser tomada de novo por perseguidores internos. O ego é impelido pelo amor e pela confiança nos objetos e o processo de introjeção do bom objeto converte-se numa fonte de segurança e bondade, que ajuda a intensificar as trocas com o ambiente e o processo de desenvolvimento como um todo” (Figueiredo e Cintra, 2010, p.49).

Estas mudanças em relação ao objeto afetam fundamentalmente o sentido de realidade do ego. Nesse processo de maior consciência da ambivalência, diminuição da intensidade de projeção e uma crescente diferenciação entre o eu (self) e o objeto, o sentimento da realidade, tanto interna quanto externa, também cresce. Dessa forma, mundo interno e externo passam a se diferenciar e, o pensamento onipotente, característico da posição paranóide, passa a dar lugar a um pensamento mais realista.

Um aspecto importante da posição depressiva apontado pela autora diz respeito à modificação dos objetivos instintuais primários. Esse é um ponto fundamental para entendermos a criação de um símbolo que não seja o objeto original, mas que o represente. Ele é necessário para deslocar a agressividade antes voltada para o objeto original e, desta forma, diminuir a culpa e medo de perdê-lo. Os ataques ao objeto mau ameaçam a perda do objeto bom que co-existe num mesmo objeto. O alvo, portanto, passa a ser o símbolo representante do objeto original num movimento de proteção deste último. Dessa forma, Segundo Hanna Segal, o símbolo adquire uma nova função.

O símbolo, agora, é criado no mundo interno. Essa criação, diferente de uma incorporação concreta fantasiada onipotentemente, é feita pelo ego como meio de garantir a presença interna do objeto original. O pensamento mais realista faz com que o símbolo seja sentido como criado pelo ego e, não mais incorporado. Portanto, este símbolo não está equacionado ao objeto original. Pode-se notar a diferenciação fundamental entre mundo interno e externo. Uma vez criado pelo ego, o símbolo, internamente, passa a representar o objeto externo que, na posição paranóide só conseguiria habitar o mundo interno sendo concretamente “engolido”. Sendo assim, “os símbolos criados internamente, podem então ser reprojctados no mundo externo, dotando-os de significado simbólico” (Segal, 1982, p.86). Este é um novo modo de atribuir significado à experiência.

“O símbolo propriamente dito, disponível para a sublimação e impelindo o desenvolvimento do ego, é sentido *representar* o objeto; suas próprias características são reconhecidas, respeitadas e usadas. O símbolo surge quando os sentimentos depressivos predominam sobre os paranoide-esquizoide, quando a separação do objeto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser toleradas e vivenciadas. O símbolo é usado não para negar a perda mas para sobrepujá-la” (Segal, 1982, p.88).

A capacidade de re-criar o símbolo, segundo Segal, dá a liberdade inconsciente do uso de símbolos. O símbolo criado pelo ego pode ser usado livremente pelo sujeito, já que ego e objeto não se equacionam mais, ou seja, não são sentidos como a mesma coisa. O sujeito é capaz de reconhecer e respeitar propriedades do símbolo tornando-o um objeto em si, diferente do ego e do objeto original. Dessa forma, esses símbolos podem ser usados livremente.

Em seu artigo, Hanna Segal, para esclarecer essa distinção entre dois modos de se relacionar com o símbolo, cita um exemplo da relação do indivíduo com suas fezes:

“No nível esquizoide, o paciente espera que suas fezes sejam o seio ideal. Se ele não puder manter esta idealização, suas fezes se tornam persecutórias; são expulsas como um seio mordido destruído e persecutório. Se o paciente simbolizar suas fezes no mundo externo, os símbolos no mundo externo são sentidos como fezes-perseguidores. Nenhuma sublimação das atividades anais pode ocorrer nestas condições.

No nível depressivo, a sensação é que o seio introjetado foi destruído pelo ego e pode ser re-criado pelo ego. As fezes podem então ser sentidas como algo criado

pelo ego a partir do objeto e podem ser avaliadas como um símbolo do seio e ao mesmo tempo como o produto bom da própria criatividade do ego” (pp.86-87).

Quando esta relação simbólica do nível depressivo com as fezes e os outros produtos do corpo foi estabelecida, os símbolos criados pelo ego podem ser projetados no mundo externo como tinta, argila, etc. e, dessa forma, podem ser usados para sublimação.

Devemos levar em consideração que a ansiedade é considerada na teoria kleiniana como fator fundamental que determinará a dinâmica psíquica das configurações das posições esquizo-panóide e/ou depressiva. De acordo com o grau de ansiedade, pode haver a reversão de uma posição para a outra resultando numa mudança importante na relação do ego com o símbolo e, portanto, no significado que o sujeito atribuirá à experiência:

“O excesso de ansiedade ou a falta dela levam a um bloqueio do processo de simbolização; para que ele funcione bem, é preciso que haja níveis menores, mas não muito baixos de ansiedade, e uma capacidade de suportá-la” (Figueiredo e Cintra, 2004, p.73).

Quando há um excesso de ansiedade, há a predominância do uso da identificação projetiva como mecanismo de defesa. Nessa situação, os símbolos passam, mais uma vez, a serem confundidos com o objeto externo e o ego confunde-se com o objeto. Os símbolos antes usados como representantes do objeto e livres para o uso na sublimação, reverterem a equações simbólicas concretas.

Um outro aspecto destacado por Segal (1982) sobre a formação de símbolos no desenvolvimento do indivíduo se refere à comunicação. Nesse sentido, dois tipos de comunicação são desenvolvidos: a comunicação com o mundo externo e a comunicação interna.

A formação dos símbolos na posição depressiva permite ao sujeito a capacidade de comunicar-se com o mundo externo, pois o objeto original e o objeto simbolizado não estão equacionados. Os símbolos, nessa fase, não são sentidos concretamente e não são criados onipotentemente, o que significa que, ao falar de algo esse algo não se concretiza. Dessa forma, o eu e o outro podem ser experienciados como diferentes entre si, com vidas independentes e próprias e, portanto, pode haver uma diferenciação entre aquele que enuncia o que quer comunicar e aquele que recebe a mensagem comunicada.

Segundo Segal, quando ocorrem regressões ou perturbações na formação dos símbolos, a capacidade de comunicação é igualmente afetada, pois as palavras são sentidas como objetos concretos, ou seja, elas não representam algo.

“Uma das dificuldades sempre recorrentes na análise de pacientes psicóticos é esta dificuldade de comunicação. As palavras, por exemplo, quer as do analista quer as do paciente, são sentidas como sendo objetos ou ações, e não podem ser usadas facilmente para fins de comunicação.” (Segal, 1982, p.88)

Os símbolos, além de necessários para a comunicação com o mundo externo, são importantes para a comunicação interna. Segal chama de *comunicação interna* a comunicação do inconsciente com o consciente e do sujeito com suas fantasias inconscientes:

“Na realidade, poder-se-ia perguntar o que significa quando falamos das pessoas estarem em contato com seu inconsciente. (...) [Significa] que têm alguma consciência de seus próprios impulsos e sentimentos. Não obstante, acho que queremos dizer algo mais; o que queremos explicitar é que elas têm *comunicação real* com suas fantasias inconscientes” (Segal, 1982, p.88).

Ainda, essa comunicação interna, assim como qualquer outra comunicação, somente poderia se dar através de símbolos, pois estes podem ser usados livremente. Dessa forma, mediante os símbolos, o sujeito pode estar consciente das expressões simbólicas das fantasias primitivas subjacentes. Esta seria a base do *pensamento verbal*, ou seja, a capacidade de comunicar-se consigo mesmo através de palavras.

Diferentemente do pensamento concreto, o pensamento verbal permite “a integração de desejos, ansiedades e fantasias anteriores em etapas subseqüentes do desenvolvimento mediante a simbolização” (Segal, 1982, p.89).

Um ponto fundamental no artigo de Segal (1982) é que a simbolização na posição depressiva permite a integração de experiências anteriores do desenvolvimento:

“Penso que uma das tarefas importantes desempenhadas pelo ego na posição depressiva é a de lidar não apenas com as ansiedades depressivas, mas também com conflitos anteriores não solucionados.” (p.89)

A conquista da posição depressiva está na capacidade de simbolizar, diminuir a ansiedade, e solucionar o conflito, inclusive conflitos anteriores a posição depressiva. Esta ampliação da capacidade de integrar do ego na posição depressiva é o que possibilitará o sujeito constituir-se como unidade, uma vez que o processo de

desenvolvimento nunca é linear, mas constituído numa inter-relação entre posição depressiva e posição esquizo-paranóide.

Sintetizando as idéias da importância da formação de símbolos no desenvolvimento psíquico do sujeito, Segal afirma:

“As palavras ‘símbolo’ vem do termo grego para combinar, acasalar, integrar. O processo de formação de símbolos é, penso eu, um processo contínuo de juntar e integrar o interno com o externo, o sujeito com o objeto e as experiências anteriores com as posteriores.” (Segal, 1982, p.91)

## 5. Capítulo 3: O Brincar

*“A criança sonha ao brincar”*

G. e E. Rodrigué

No primeiro capítulo, pude aprofundar o conceito de fantasia inconsciente enfatizando a inter-relação entre a fantasia e a realidade. A fantasia inconsciente, segundo o conceito kleiniano, é o representante psíquico do instinto. Isso implica em localizar a fantasia entre o psíquico e o somático, sendo ela experienciada pelo sujeito como “um acontecimento físico”, sem distinção entre mundo interno e externo. Essa indistinção não desconsidera a relação entre realidade interna e externa, já que a inter-relação é, justamente, a natureza da relação entre fantasia e realidade. Segundo Segal, o caráter da fantasia é gradualmente modificado pelas experiências de realidade. Porém, como dito anteriormente, o pensamento onipotente, característico das primeiras fases da vida, impede o indivíduo de fazer a distinção entre mundo interno e externo. Essa passagem, de uma indistinção a uma maior distinção é tratada no segundo capítulo.

No segundo capítulo, o conceito de simbolização é pensado como ponto fundamental no desenvolvimento do indivíduo, da relação do ego com a realidade e do surgimento da distinção entre mundo interno e externo. Ao simbolizar, o ego é capaz de re-criar o objeto internamente, considerando as propriedades do objeto original e transformando-o num símbolo. O pensamento, portanto, deixa de ser concreto, uma vez que objeto interno e externo não estão equacionados, permitindo ao indivíduo um uso livre dos símbolos. Dessa forma, surge o pensamento verbal e a possibilidade de comunicação, tanto interna quanto externa, já que eu e outro podem ser percebidos como diferentes entre si e a relação pode ser mediada pelo uso significativo das palavras.

Importante enfatizar a função da introjeção e projeção nesse processo, pois são esses os mecanismos que possibilitam o jogo de interação entre realidade interna e externa, colocando conteúdo interno no mundo externo e introjetando o externo ao interno.

Minha intenção nesse capítulo é pensar a importância do brincar como um modo de explorar de forma ativa a relação entre realidade interna e externa. Sendo assim, me pergunto: como podemos entender a relação entre o brincar da criança e a realidade?

Se observarmos uma criança brincando não conseguimos encontrar a ponte que relaciona seu fantasiar a realidade. Quando ela diz: “eu sou o super herói” é inevitável reconhecermos que naquele momento a criança é um super herói. Um olhar pouco atencioso poderia questionar a seriedade de seu brincar, questioná-la sobre a existência real do super herói e simplesmente negar a importância e o sentido que aquela brincadeira representa para a criança. Mas, mesmo assim, não temos como negar que aquela é uma produção do sujeito, uma criação e expressão de sua vida mental.

Em “O escritor e o devaneio” (1908) Freud propõe:

“Seria errado pensar que ela [a criança] não leva esse mundo [o da brincadeira] a sério; ao contrário, ela leva sua brincadeira com muita seriedade e nela emprega uma grande quantidade de afeto. O oposto da brincadeira não é o que é sério, mas a realidade. Apesar de todo afeto que a criança investe em seu mundo da brincadeira, ela o distingue bastante bem da realidade, e gosta de apoiar seus objetos imaginários e suas situações em coisas tangíveis e visíveis do mundo real. Este apoio é o que diferencia o ‘brincar’ da criança, do ‘fantasiar’” (p.153).

Melanie Klein iniciou sua técnica da análise de criança aplicando o modelo da interpretação dos sonhos de Freud ao brincar. Nesse sentido poderíamos pensar o brincar assim como o sonhar: uma criação mental única e exclusivamente produzida pelo sujeito, que apresenta uma lógica própria, diferente de tudo o que conhecemos na vida cotidiana em vigília, consciente.

Para Ogden (1996), “sonhar é uma experiência de desintegrar a própria experiência e re-presentá-la para si mesmo sob uma nova forma e num novo contexto (o contexto do espaço onírico)” (p.37). Paraphraseando Ogden, podemos pensar o brincar como o sonhar: uma experiência de desintegrar a própria experiência e re-presentá-la para si mesmo sob uma nova forma e num novo contexto, o contexto lúdico do “faz-de-conta”.

O que a brincadeira da criança pode nos revelar sobre seu mundo interno?

No artigo “Personificação no brincar das crianças” (1929), Melanie Klein demonstra que os personagens ou personificações nos jogos se originam de imagens internas. Ela retoma e desenvolve uma observação feita num artigo anterior “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926), considerando um dos mecanismos principais nos jogos das crianças: a criação de personagens e a distribuição de seus diferentes papéis. Nesse sentido, o brincar se revela fundamental como uma

experiência na qual a criança é capaz de colocar e expressar seu mundo interno no mundo externo, ao criar e atribuir papéis aos personagens envolvidos nos jogos.

Um dos casos descritos nesse artigo é o de Erna. Uma menina de seis anos que apresentava uma grave neurose obsessiva que, para Klein, ocultava uma paranóia revelada depois de algum tempo de análise. Essa análise leva em consideração, principalmente, a relação entre os personagens e seus respectivos papéis que surgem nos jogos de Erna.

“Nas suas brincadeiras, Erna muitas vezes me fazia desempenhar o papel da criança, enquanto ela era a mãe ou a professora. Eu tinha, então, que passar pelas torturas e humilhações mais fantásticas. Se alguém me tratava bem nesse jogo, geralmente logo se descobria que sua bondade era apenas simulada. Os traços paranóicos se manifestavam no fato de que eu era constantemente espionada, as pessoas adivinhavam meus pensamentos, e o pai ou professor se aliavam à mãe contra mim – na verdade, eu vivia cercada de perseguidores. Eu mesma, no papel da criança, era constantemente obrigada a espionar e atormentar os outros. A própria Erna muitas vezes desempenhava o papel da criança. Nesse caso, o jogo geralmente terminava com a menina conseguindo fugir de seus perseguidores (nessas ocasiões, a ‘criança’ era boa), ficando rica e poderosa, transformando-se numa rainha e realizando uma vingança cruel contra aqueles que a atormentavam” (Klein, 1929, p. 230).

Podemos notar que todos os personagens que participavam das fantasias de Erna se dividem em dois papéis principais: os perseguidores e os oprimidos. Os últimos estão sempre ameaçados, mas nem por isso são menos cruéis em suas vinganças. Segundo Klein, a realização de desejos encontra-se na tentativa de Erna de se identificar com o lado mais forte para dominar assim o seu medo de perseguição.

Os personagens criados por Erna e os papéis desempenhados por ela e Klein são os representantes de suas imagens, ou seja, são as figuras intermediárias entre os objetos edípicos reais de Erna e sua interpretação subjetiva destes. É através dessas figuras que a criança é capaz de expressar suas fantasias inconscientes.

Além do caráter tirânico dessas figuras, elas possuem uma natureza fantástica, ou seja, se caracterizam pelo grande afastamento da realidade:

“Na análise de Erna, durante muito tempo foi impossível estabelecer qualquer relação com a realidade. Não parecia haver nenhuma ponte que cobrisse o abismo entre a mãe carinhosa e bondosa da vida real, e as perseguições e

humilhações monstruosas que ‘ela’ infligia à criança na brincadeira” (Klein, 1929, p.235).

Ao se referir à realidade, Melanie Klein está tratando de realidade externa. Nesse ponto a autora enfatiza a importância de entender qual é a implicação do desenvolvimento intrapsíquico, principalmente, a formação do superego, na relação do sujeito com a realidade externa.

Uma criança que se encontra num nível de desenvolvimento no qual seu superego possui um caráter tirânico, característico da posição esquizo-paranoide, interpretará a realidade de forma a atribuir qualidades polarizadas e cindidas aos objetos. Suas interpretações e significações às experiências tenderão ao objeto idealmente bom ou totalmente mau, assim como Erna, que apresentava uma mãe totalmente má e perseguidora, ou totalmente bondosa e carinhosa. Nesse momento de sua análise, Klein descreve que a criança revelava um sadismo irrefreado, produto de seu superego. Este era representado pelos personagens perseguidores quando Erna desempenhava o papel da mãe cruel que ameaçava a criança malcomportada, ou quando a própria criança se tornava poderosa e promovia as vinganças mais cruéis contra seus pais malvados. Dessa forma, podemos notar como um tipo de organização psicológica determina uma forma de atribuir significado às experiências, de como o mundo interno da criança vai se constituindo a partir de suas interpretações e relações com a realidade externa.

Na relação entre a atitude diante da realidade e os processos de personificação e realização de desejos, a brincadeira das crianças neuróticas apresentam um reconhecimento parcial e a negação da realidade. Na análise de crianças neuróticas, Melanie Klein (1929) em nota de rodapé afirma:

“À medida que a análise avança, a influência das figuras ameaçadoras se torna mais fraca e as figuras de realização de desejo aparecem com mais força e de forma mais duradoura na brincadeira; ao mesmo tempo, há um aumento proporcional do desejo de brincar e de satisfação no final dos jogos. Há uma redução do pessimismo e um crescimento do otimismo” (p. 234).

Já a brincadeira da criança normal apresenta um equilíbrio melhor entre a fantasia e a realidade, ao mostrar-se mais capaz de influenciar a realidade e viver dentro dela em conformidade com suas fantasias. No entanto, mesmo quando não há a possibilidade de alterar a situação em que se encontra, consegue suportá-la melhor, pois

a fantasia mais livre do sentimento de culpa pode ser sublimada de forma mais adequada à realidade.

“À medida que as imagos se aproximam dos objetos reais, uma boa relação com a realidade (típica das pessoas normais) se torna mais acentuada. As doenças (a psicose e a neurose obsessiva grave) que se caracterizam por uma relação deficiente ou deslocada com a realidade também são aquelas onde a realização de desejos é negativa e tipos extremamente cruéis são personificados na brincadeira. Tentei demonstrar a partir daí que nesses casos predomina um superego que ainda se encontra nas fases iniciais de sua formação, e cheguei à seguinte conclusão: a ascendência de um superego aterrador, introjetado nos primeiros estágios de desenvolvimento do ego, é um dos fatores básicos do distúrbio psicótico” (Klein, 1929, p.237).

A aproximação da brincadeira ao real é aqui visto como critério de saúde. À medida que a criança é capaz de estabelecer uma relação mais integrada entre os objetos bons e ruins, sua interpretação da realidade externa passa a ser menos polarizada e cindida. Mas essa aproximação gradual à realidade externa parece relacionar-se dialeticamente com sua antítese, ou seja, o afastamento da realidade dá a criança a liberdade de expressar suas imagos de naturezas extremas, livres do sentimento de culpa e ansiedade. Através do mecanismo de projeção, a tensão vivida pelo ego ao realizar a síntese do superego pode ser deslocada para o mundo externo, no qual a criança poderá, de forma distanciada, personificar e estabelecer diversos tipos de relação entre os personagens em suas brincadeiras. Além do alívio de ansiedade e culpa causado pelo deslocamento da tensão do ego para o mundo externo, a criança pode obter ainda mais prazer ao, através dos jogos, encontrar provas reais de que os processos psíquicos podem ter uma solução favorável.

O brincar, portanto, possibilita à criança colocar seu mundo interno no mundo externo, manipular de forma empírica seus conflitos e tensões vividas internamente e compartilhá-las, caso os jogos se dêem intersubjetivamente como na análise.

Ao brincar, a criança explora a relação entre realidade interna e externa, dispondo suas fantasia de modo experimental. Caper (1999), em seu artigo, cita um trecho da biografia de Richard Feynman para ilustrar esse aspecto do brincar:

“... as crianças, são cientistas natos, testando, tentando, experimentando o que é possível e o que é impossível num universo local confuso. Crianças e cientistas partilham do mesmo modo de ver a vida. *Se eu fizer isso, o que acontecerá?*”

Este é, ao mesmo tempo, o lema da criança ao brincar, e... o refrão... do cientista. Toda criança é um observador, analista e taxonomista... construindo teoria e as abandonando prontamente quando elas não mais se adéquam. O desconhecido e o estranho – esses são o domínio das crianças” (p.133).

Caper nos mostra que, as raízes da investigação experimental do mundo presente nos cientistas estão no brincar das crianças e dos bebês. Nesse sentido, é possível conferir ao bebê uma posição mais ativa diante da atitude de conhecer o mundo, por mais que a sua experiência não considere uma diferença entre o bebê e o mundo. Segundo o autor, os bebês não observam seus objetos de forma passiva, eles ativamente testam para ver o que acontecerá, como reagirão, “isto faz, dos bebês, experimentadores inconscientes” (Caper, 1990, p.134).

Dessa forma, o brincar da criança normal é “uma versão atualizada” da investigação experimental do bebê de seu objeto primário: o corpo e/ou a mente de sua mãe. Nessa nova forma de conhecer o mundo, a criança constantemente projeta coisas de seu mundo interno para o interior dos objetos externos de forma a testar qual será sua reação.

Caper enfatiza a idéia do uso do termo *externalizar* ao invés de *representar*, por considerar que o brincar é mais do que a representação da fantasia inconsciente. Para o autor, brincar é o modo de tirar algo de dentro, colocar num objeto fora e testá-lo para ver como ele reage. Dessa forma, a criança descobre, não só o mundo, mas o seu próprio interior.

“Esse tipo de testagem projetiva nos permite testar, e aprender, ao mesmo tempo, a respeito de nossa realidade externa e interna: aprendemos a respeito da mente de nossos objetos projetando nelas nossos estados internos (para ver como elas reagem), e aprendemos a respeito de nossos estados internos usando a mente de nossos objetos como instrumentos de medida (vendo como reagem)” (Caper, 1990, p.135).

Porém, para que esta testagem possa funcionar adequadamente, é necessário que as realidades internas e externas estejam e possam ser sentidas como diferentes e separadas. Caso contrário, “não se pode usar uma para testar ou contrapor-se à outra” (Caper, 1990, p.135).

O brincar, como um modo de explorar de maneira experimental a realidade interna e externa, depende do pensamento simbólico. Como visto anteriormente, é a entrada na posição depressiva que possibilita a formação de símbolos e a diferenciação

entre o símbolo e o objeto simbolizado, uma vez que os símbolos não se encontram equacionados e, portanto, a relação de objetos é caracterizada pela diferença entre os objetos internos criados pelo ego e os externos. Nesse ponto é importante pensar o que seria a incapacidade de brincar.

Segundo Caper, a incapacidade de brincar foi um sintoma descrito por Klein no artigo “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego” (1930). Nesse artigo, Klein relata a análise do paciente Dick, um menino de 4 anos, que tinha equipamento intelectual e vocabulário de uma criança de mais ou menos 15 a 18 meses. Dick demonstrou sua incapacidade de brincar ligada à incapacidade de pensar simbolicamente. Seu pensamento era concreto, no qual objetos internos e externos estavam equacionados e cindidos entre os idealmente bons e os maus e perseguidores. Dessa forma, não havendo diferenciação entre mundo interno e externo, Dick era incapaz de colocar suas fantasias para fora e descobrir como reagiriam. O grande prejuízo dessa incapacidade é que o contato com a realidade através do brincar estava impossibilitado, já que a relação entre objetos internos e externos estava obscurecida. Segundo Caper, “isso acontece porque ele não vivencia suas projeções como experimentações de conseqüências limitadas, mas como alterações completas, catastróficas, de seus objetos” (Caper, 1999, p.136).

Ainda sobre a impossibilidade de brincar das crianças psicóticas, Caper afirma:

“Uma pessoa num estado psicótico projeta em seus objetos de tal maneira que constantemente surgem confusões graves entre realidade interna e externa, o que tende a tornar traumáticas todas as experiências. Para tal pessoa, uma projeção para dentro do objeto não é um teste; é algo que ela sente que transforma o objeto na projeção, que engolfa o objeto e se infiltra em todos os seus poros. Não há possibilidade de o objeto reagir à projeção, uma vez que esta é sentida tão dominante do objeto que o torna indistinguível, literalmente, da projeção” (p.137).

Importante notar como Caper relaciona a projeção do estado psicótico à experiência traumática. Para o autor, uma das maiores características do trauma é a indiferenciação entre realidade interna e externa. O “traumático” das experiências de projeção no estado psicótico está, justamente, na confusão que se cria entre aquilo que foi projetado e o objeto da projeção. O desaparecimento da diferença entre as fantasias inconscientes e o objeto traumatizante impede o indivíduo de projetar de modo experimental como forma lúdica de contato com a realidade. O resultado dessa

experiência é um crescimento ainda maior da crença na onipotência e um menor reconhecimento da realidade. Portanto, “não se trata simplesmente de a natureza do trauma ou o conteúdo da fantasia serem patogênicos, mas da correspondência íntima entre ambos. Uma proximidade muito grande reforça a confusão entre realidade externa e interna” (Caper, 1999, p.136).

Caper, no final do artigo, afirma que da forma como está escrito parece que estamos tratando de uma seqüência com uma ordem causal de acontecimentos: “uma confusão entre *self* e objeto leva ao colapso do pensamento simbólico e, por isso, a pessoa se torna incapaz de brincar e não pode aprender sobre si e sobre o mundo” (Caper, 1999, p.136). O autor afirma que não se trata de um encadeamento causal, pois “são apenas aspectos diferentes da mesma coisa, que pode ser descrita como uma perda da autonomia do *self* a partir do mundo, e do mundo externo a partir do *self*” (Caper, 1999, p.136).

Conforme fui estudando, fui entendendo, que o desenvolvimento psíquico do indivíduo, parte de um estado de fusão entre mundo interno e externo para um estado de maior diferenciação. Ficou evidente que fantasia inconsciente, simbolização e o brincar são modos de teorizar como a criança constrói sua experiência, ajudando-nos a compreender a dinâmica psíquica envolvida na maneira como ela, em seu desenvolvimento, aprende sobre si e sobre o mundo.

### **5.1. O brincar e o símbolo: uma ilustração clínica**

Gostaria de, nesse momento, fazer uma síntese das idéias de fantasia inconsciente, simbolização e brincar, utilizando de um caso clínico descrito por Genevieve Rodrigué e Emilio Rodrigué (1966) em “La Naturaleza y función de los Símbolos”. Minha intenção não é encerrar a reflexão, mas ilustrar como esses conceitos se articulam e ajudam o analista a pensar e compreender o brincar da criança na situação de análise.

O caso descrito se refere a um menino autista de três anos com mutismo, chamado Raul e, como descrevem os autores, “com uma desconexão quase total com o mundo”. Escolhi escrever sobre esse caso, pois eles descrevem com muitos detalhes e com muita clareza uma brincadeira de Raul em análise que demonstra a passagem de duas formas de simbolizar: da equação simbólica a simbolização representativa, ou, nos

termos utilizados pelos autores, “da equação por identidade perceptiva a representação por identidade de pensamento” (p.102).

Rodrigué<sup>4</sup> começa descrevendo o caso dizendo que, no quarto mês de tratamento, o brincar de Raul era inibido e cauteloso. Chamou-lhe atenção, quando o menino começou a brincar livremente com água. A partir daí, uma série de sessões foram inteiramente dedicadas ao brincar com água. Raul gozava enchendo a pia até a beirada e, em seguida, afundava os dois braços, movimentando-os como se fossem um motor, espalhando água pelos quatro cantos do banheiro. Rodrigué relata que Raul ficava extasiado com seus jogos aquáticos e, após uma semana de inundações, começou a beber da água. Primeiro, bebeu por meio de um copo, depois começou a lamber e a chupar a água que transbordava da pia. Enquanto bebia dessa última maneira, todo o seu corpo estremecia numa excitação quase orgástica. Ao final das sessões, Raul recebia sua mãe com um sorriso feliz, sendo este um bom momento de contato entre eles.

Os autores iniciam a reflexão sobre o jogo de Raul, afirmando que, durante o processo analítico, era possível notar diversos indícios de que o isolamento desta criança estava ligado a uma incapacidade de beneficiar-se de um objeto ideal interno, não assimilado ao self. Segundo eles: “Se puede concebir no assimilado como encapsulado em su si-mismo de igual modo que su si-mismo estaba encapsulado respecto del mundo externo. *No había porosidade ni tráfico afectivo entre estas áreas*”<sup>5</sup> (p.99 [itálico meu]). Dessa forma, o jogo aquático de Raul possibilitou-lhe a experiência concreta de alimentar-se de um seio idealizado inesgotável. “Esa relacion idílica fue una experiencia de suma importância. Era um índice de cierta disminucion de su angustia persecutória, lo que permitió externalizar el pecho idealizado como su ânsia por él”<sup>6</sup> (p.99-100).

Nessa fase do tratamento, o objeto idealizado tinha sido finalmente projetado e personificado num objeto externo “adequado”: a pia branca, arredondada, com água brotando como fonte transbordante e sempre renovada. Pode-se dizer que a pia era um símbolo equacionado ao seio.

No dia seguinte, Raul também brincou com água. A modalidade do brincar era a mesma, mas sua qualidade afetiva era diferente, já que o menino estava tenso e

---

<sup>4</sup> Embora o artigo tenha sido escrito por Genevieve e Emilio Rodrigué, o caso foi atendido apenas por um deles e, portanto, farei referência na descrição do caso no singular.

<sup>5</sup> Pode-se conceber não assimilado como encapsulado em seu *self* do mesmo modo que seu *self* estava encapsulado em relação ao mundo externo. Não havia porosidade nem trânsito afetivo entre essas áreas.

<sup>6</sup> Essa relação idílica foi uma experiência de suma importância. Era um indicador de certa diminuição de sua angústia persecutória, o que permitiu externalizar o seio idealizado assim como seu anseio por ele.

preocupado. Quando entrou no consultório pegou uma cúpula de abat-jour velha e a colocou com cuidado numa mesinha do banheiro. Só então começou a brincadeira aquática. Era evidente que estava preocupado pela integridade da cúpula. De fato, quando a água espirrou na cúpula, a brincadeira acabou de repente e de forma angustiada. Sua primeira resposta foi uma alucinação, localizando o objeto persecutório alucinado na lâmpada logo acima da pia. Por um momento, Rodrigué afirma que era possível ler o dilema nas expressões faciais de Raul. Em seguida, tomada a decisão, em dois pulos cruzou o banheiro para “resgatar” a cúpula antes de sair correndo.

Esse foi o primeiro sinal evidente em Raul de preocupação-cuidado por um objeto. O mesmo pode se dizer da culpa e vergonha por ter “estragado” a cúpula. Essas emoções, somada a decisão que mostrou no salvamento do objeto, indicam, sem dúvida, que o menino experimentou ansiedades depressivas. O progresso foi notável: ele conseguiu formar um vínculo intenso com o objeto externo e soube expressar clara e dramaticamente suas emoções. Dessa experiência depressiva emergiu um símbolo claro e preciso. É evidente que a cúpula também representava o seio, ou seja, a “cúpula” igual ao símbolo “pia” era o registro do conjunto de experiências de toda a seqüência do brincar com água. Porém, a riqueza da análise desta experiência de Raul está justamente em refletirmos sobre: qual é a diferença entre o símbolo “pia” e “cúpula”?

A importância desta reflexão está, justamente, em estabelecer a diferença entre símbolo representativo e símbolo equação. A pia é muito mais uma replica do seio e, dessa forma, desperta uma série de respostas em Raul que são típicas de um lactante: lambe, chupar, ou seja, movimentos corporais prazerosos. Já a relação que Raul estabelece com a cúpula é diferente. Se repararmos, podemos ver que a cúpula é uma “transformação” da experiência com a pia. A cúpula não é tratada como um seio a ser chupado, mas, representa-o, podendo ser cuidada.

A diferença entre ambos meios de representação reside entre o atuar e o representar (pensar). Os autores utilizam da idéia de processo primário e secundário para fundamentar a diferença na formação dos dois símbolos: “pia” e “cúpula”. Conforme Rycrof, um símbolo pode ser usado pelo processo primário ou pelo processo secundário: “se o símbolo é usado pelo processo primário, será usado da mesma maneira como se fosse a *imago*<sup>7</sup> mnêmica do objeto primário do qual se torna representante e um substituto intercambiável” (Rycrof *apud* Rodrigué, p104). Em

---

<sup>7</sup> Rodrigué sugere o nome *imago* para essas representações internas que orientam a procura de símbolos significativos no mundo externo p.104

contraste, “se o símbolo é usado pelo processo secundário esse se manterá relacionado com o mundo exterior e a formação de símbolos conduzirá a uma abertura crescente dos interesses libidinais do indivíduo” e, dessa forma, “um objeto pode ser usado como um símbolo pelo processo secundário se é capaz de proporcionar satisfações reais e, portanto, não existe uma tendência a distorção do símbolo ou a negação da sua verdadeira natureza” (Rycrof *apud* Rodrigué, p104).

Considero útil introduzir a noção de processo primário e secundário para distinguir duas modalidades no processo de simbolizar, que no capítulo “Fantasia e Simbolização” foram descritas como equação simbólica ou simbolização representativa.

Escolhi o exemplo de Raul, porque mostra, justamente, o momento de passagem de duas formas de simbolizar: da equação por identidade perceptiva a representação por identidade de pensamento. Ainda mais, ao mostrar essa passagem de forma progressiva.

O caso de Raul nos permite ver como sua brincadeira aquática permitiu que ele pudesse ter todo um ciclo de experiências de gratificação. Beber e explorar um “seio inesgotável” - “pia” - facilitou a ilusão concreta de possuir o seio interno idealizado no mundo exterior. A experiência com a pia nos revela que “pia” e “seio bom” estavam equacionados e, portanto, Raul só podia encontrar uma forma de se relacionar com o símbolo: atuando, ou seja, chupando-o, sugando-o e lambendo-o. Esse atuar promoveu uma experiência sensorial acompanhada de uma satisfação alucinatória do desejo na fantasia inconsciente, tal como Isaacs (1952) se refere.

A equação simbólica, neste caso, cumpriu uma função útil, já que a experiência de introjetar um objeto bom na fantasia, proporcionou a Raul sentimentos de segurança, esperança e fé e, portanto, diminui sua ansiedade persecutória. O caráter onipotente de sua fantasia foi gradualmente modificado por sua experiência de brincar com água.

Podendo sentir o mundo exterior como mais confiável, Raul pôde colocar sua experiência de gratificação com a “pia” no mundo externo e, encontrar a “cúpula” como representante desta experiência. A criança, portanto, passou a sentir ansiedades depressivas como culpa e a relacionar-se com a cúpula de modo a preservá-la, cuidando, “pensando a respeito”, ao invés de reagir atuando: lambendo, chupando, devorando.

A brincadeira de Raul, portanto, permitiu que ele pudesse explorar a relação entre realidade interna e externa, dispondo suas fantasia de modo experimental.

## 6. Considerações finais

Gostaria nesse momento de retomar algumas idéias presentes nesse trabalho de forma sintética e fazer uma reflexão sobre o processo de construção desse trabalho.

O meu problema de pesquisa é uma soma de diversas perguntas. Soma-se uma questão filosófica: o que é a realidade, com a Psicanálise, meu interesse pelo universo infantil e as fases iniciais do desenvolvimento humano.

Minha tentativa foi começar tratando de fantasia inconsciente, pois para mim inicialmente e, intuitivamente, era o conceito que se aproximava mais da origem do mundo interno. Isso veio a se confirmar quando descobri que Freud considerava a fantasia como processo primário e que estava intrinsecamente ligada às forças orgânicas do instinto.

Pensar em humanização é, justamente, pensar em como o orgânico se transforma em psíquico, assim como Freud explicitou em “Projeto para uma psicologia científica” (1950-1895). Inicialmente, no trabalho de Freud, não há uma distinção clara entre o instinto e seu representante psíquico. Porém, Strachey indica que em “O inconsciente” (1915), Freud afirma que o instinto somente pode estar presente no psiquismo como uma idéia. Isto permitiu que Susan Isaacs (1952) em seu artigo “Natureza e função da fantasia”, afirmasse que a fantasia inconsciente é o representante psíquico do instinto. Essas fantasias estão ligadas à idéia de um objeto capaz de satisfazer os anseios instintuais, voltadas, principalmente, às sensações do corpo e, constituem, segundo Figueiredo e Cintra (2010), uma trama de traços mnésicos pré-verbais. Gradualmente, as fantasias originárias sofrerão transformações relacionadas às experiências de gratificação e frustração, ou seja, pela interação com a realidade. Isto constituirá um núcleo, do qual se desenvolverão as fantasias ulteriores.

Caper (1999) afirma que Melanie Klein encontrou um *continuum* entre as fantasias mais primitivas até as mais elaboradas e conscientes. Nesse sentido, Hanna Segal (1982) nos diz que, durante toda a vida do indivíduo, as fantasias inconscientes originárias, de natureza grosseira e primitiva, se alterarão pela interação com a realidade, pelo conflito, pelo crescimento maturacional e poderão ser deslocadas, elaboradas, simbolizadas e até penetrar na consciência. Partindo dessa afirmação, tentei compreender como é o processo de desenvolvimento dessas fantasias através da simbolização.

Pude identificar dois processos diferentes de simbolização: a equação simbólica e o símbolo como representação. Cada um desses processos está relacionado a um modo de atribuir significado a experiência, e implica na natureza das ansiedades sentidas e na relação que se estabelece com os objetos.

A equação simbólica está associada à dinâmica da posição esquizo-paranóide. As ansiedades sentidas são de natureza persecutória e, portanto, a relação de objetos se caracteriza por uma relação na qual os objetos estão cindidos entre um objeto idealmente bom e outro mau e perseguidor. Os objetos bons devem ser consumidos e os maus expelidos. Dessa forma, a relação do ego com a realidade é frágil e intermitente, pois o ego está sob constante ameaça de desintegração. Não há uma distinção entre mundo interno e externo, uma vez que os objetos que habitam o mundo interno só podem ser experienciados na medida em que se encontram equacionados ao mundo externo, ou seja, eles são vividos de modo concreto.

O surgimento do símbolo como representação do objeto original diz respeito a um outro modo de atribuir significado à experiência, característico da posição depressiva. Nessa posição as ansiedades sentidas são de natureza depressiva, já que a relação de objetos implica numa convergência dos impulsos de amor e ódio a um mesmo objeto. Dessa forma, o sujeito sente que para que o objeto de amor seja preservado é necessário cuidado e preocupação. O símbolo, então, é criado pelo ego como forma de mudança do alvo dos anseios instintuais sádicos e preservação do objeto original. O símbolo passa a ser sentido como o representante do objeto original e não como sendo o próprio objeto. Seu uso, portanto, é livre para a sublimação.

Percebo que, até então, apenas descrevi sinteticamente a dinâmica psíquica das posições. Pretendo, aqui, discutir um pouco mais. Se, por um lado, na posição esquizo-paranóide o indivíduo tende a consumir vorazmente ou expelir os objetos, por outro, na posição depressiva, o indivíduo tende a cuidar do objeto amado, preocupar-se pela sua integridade e repara-lo quando sente danificá-lo. Esses dois modos de se relacionar com os objetos configuram experiências com a realidade muito diferentes.

Na posição esquizo-paranoide não há uma diferença entre mundo interno e externo. As experiências são vividas como acontecimentos físicos, nos quais não é possível reconhecer a alteridade. A realidade psíquica do indivíduo é habitada por objetos maus que ameaçam aniquilar o organismo, seus estados de bem estar e, dessa forma, devem ser expelidos pelos mecanismos de negação, excisão e o uso maciço da identificação projetiva. Tudo aquilo que é considerado mau e não é possível suportar é

expelido para fora de si e para dentro do outro, como forma de afastá-las das partes boas e resguardá-las. O outro passa a ser o representante do self mau, alvo do ódio que a criança sente contra partes do seu self. O sujeito que projeta, conscientemente, não se reconhece no outro que recebe a projeção, embora, no plano inconsciente, mantenha uma estreita identificação. Essa identificação é tamanha que impede que se perceba a alteridade, pois a relação narcisista que se estabelece transforma o outro num mero receptor das projeções e, portanto, não pode ser levado em consideração. Esse mecanismo de identificação projetiva pode ser muito eficiente em termos imediatos, mas, rapidamente, traz grandes perturbações. Todo o ódio e partes más projetadas criam no outro o pior dos perseguidores. A fúria e a raiva que ameaçam vir dele parecem, de alguma forma, real e verdadeira. É como um boomerang: “tudo o que vai, volta”.

A possibilidade de transformação desse “modo mais primitivo de amar”, ou seja, a transformação dessas fantasias inconscientes de desejo e angústia intensas e avassaladoras em algo tolerável, benéfico e enriquecedor se passa, segundo Figueiredo e Cintra (2010), pelo trabalho do pensamento chamado *simbolização*<sup>8</sup>.

Foi, portanto, a partir do estudo dos conceitos de simbolização e brincar que pude discutir sobre: como a criança aprende com a sua experiência?

Segundo Capier, as crianças devem aprender a sentir, aos poucos, seu caminho através das tarefas mais simples da vida. Nesse sentido, o que é crucial é sua capacidade de aprender com a experiência para modificar seus diversos estados mentais com o tempo. Isto define, inclusive, um desenvolvimento psicológico normal do não-normal.

A posição depressiva é muito importante para pensarmos uma outra forma de amar e de reparar. Ela está associada à possibilidade de conter e elaborar a realidade psíquica e, segundo Figueiredo e Cintra (2010), “sua dinâmica pode ser comparada a uma gestação: por meio do trabalho de *elaboração* da realidade psíquica é que se constitui o sujeito psíquico, num trabalho de gênese” (p.48).

A posição depressiva está associada à integração psicológica, ou seja, à combinação dos sentimentos de amor e ódio pelo mesmo objeto. Isto diminui a intensidade do ódio por ele e, portanto, faz com que o objeto não pareça tão danificado, maligno e perseguidor como antes. Dessa forma, surge uma esperança e um otimismo com relação a si mesmo, pois a realidade psíquica da pessoa não é sentida como tão má,

---

<sup>8</sup>Wilfred Bion elaborou uma sofisticada teoria do pensar a partir das raízes kleinianas, que nesse trabalho não foi abordada e, portanto, fica sugerido para os próximos trabalhos. Nessa teoria do pensar de Bion, o pensamento não é tratado como aquilo que é puramente intelectual, dissociado de suas fontes pulsionais e afetivas; ao contrário, trata-se do *pensar* como forma de transformação e elaboração da vida emocional.

quanto antes, e as possibilidades de enfrentá-la e aperfeiçoá-la parecem mais reais. Os danos feitos na realidade psíquica a um objeto interno bom não são considerados como criadores de um objeto mau perseguidor, mas um objeto bom danificado. O resultado são sentimentos de tristeza, culpa e remorso numa intensidade tolerável capaz de despertar o interesse pela reparação.

A realidade psíquica, portanto, pode ser contida, promovendo uma diminuição da cisão e projeção, o que permite a capacidade de distinguir entre realidade interna e externa. Essa capacidade resulta da distinção entre self e não-self que faz parte dos processos de integração da posição depressiva. Self e objeto não são mais sentidos como sendo iguais, mas como, se de alguma forma, eles se *parecessem* entre si. Isto permite ao sujeito considerar e reconhecer a vida própria do objeto e, conseqüentemente, permite que ele tenha uma vida interna própria, incentivando o crescimento de um ego independente.

Essa discriminação entre mundo interno e externo tem conseqüências importantes na possibilidade de brincar. O brincar se caracteriza, principalmente, por possibilitar um campo seguro de experimentação ativa da interação entre realidade interna e externa, permitindo o surgimento do *faz-de-conta*. Ao brincar, a criança é capaz de colocar seu mundo interno na realidade externa e observar qual será sua reação. Esse é um modo muito importante de aprender com a própria experiência. Entretanto, para que essa brincadeira se preste a essa experimentação é necessário que haja discriminação entre mundo interno e externo, caso contrário, não se pode usar uma para testar ou contrapor-se à outra.

Nesse sentido, o brincar, como testagem projetiva é uma boa metáfora do processo analítico. Segundo Capier (1999), na análise, o paciente brinca com a mente do analista, evocando respostas contratransferenciais, através do uso do que Bion chamou identificações projetivas normais, realistas<sup>9</sup>. O contato se estabelece com a parte da realidade externa – outra mente – de modo a ver como o analista reagirá: “se eu fizer com que ele sinta o que sinto, o que ele fará?” (p.135). Dessa forma, o que é projetado é um estado mental, e o que é re-introjado é a mente do objeto. A resposta do analista sobre a projeção do paciente informa a este sobre um aspecto do seu mundo interno. Isto me fez pensar sobre a importância do ambiente e, especificamente, do adulto em interação com a criança. Essa outra mente tem como função fundamental servir de

---

<sup>9</sup> Identificação projetiva com fins de comunicação é um conceito de Bion não desenvolvido nesse trabalho.

continente para “digerir” os estados emocionais toleráveis e não-toleráveis da criança que possibilite a elas aprender com suas experiências.

Fazer esse trabalho me ajudou imensamente na tentativa diária de compreender as experiências das crianças em diferentes situações e ambientes. No estágio que faço numa creche, por exemplo, uma das questões discutidas entre os educadores e pais é a agressividade das crianças. Esse estudo sobre fantasia inconsciente e o uso que a criança faz dos objetos como forma de lidar com seus anseios pulsionais me fez pensar sobre a importância de possibilitar e aceitar que as crianças, muitas vezes, quebrem os brinquedos ou brinquem de “brincadeiras violentas”. Lidar com a agressividade num campo simbólico possibilita à criança mudar o alvo instintual de suas pulsões destrutivas e, desta forma, preservar seu objeto de amor. Mais que isso, uma contribuição a essa discussão feita com educadores foi a importância de proporcionar momentos de reparação dos atos agressivos das crianças, como consertar os brinquedos ou pedir desculpa aos amigos. Reparar e cuidar são, justamente, o que caracteriza a entrada na posição depressiva e a possibilidade de uma elaboração e aprendizado maior das experiências. Essas simples intervenções têm uma profunda importância para o planejamento e a construção de ambientes que ofereçam condições de um desenvolvimento saudável para as crianças e que as possibilitem lidar com seus conflitos psicológicos.

O brincar nesse trabalho foi desenvolvido apenas sob o aspecto de testagem projetiva. Não desconheço e não desconsidero que uma primeira abordagem ao brincar simbólico da criança, como uma elaboração de estados emocionais relacionados à presença e ausência da mãe, foi feita por Freud (1920) a respeito do *fort-dá* em “Além do Princípio do Prazer”. Inclusive, o início desse trabalho foi marcado por uma reflexão que fiz sobre uma outra maneira de lidar com presença e ausência: o brincar de *esconde-esconde*. Segundo Aberastury (1972), esconder caracteriza a primeira atividade lúdica da criança. Ela desaparece atrás do lençol e torna a aparecer, fecha e abre os olhos e, dessa maneira, o mundo se perde e é achado por ela novamente. Esconder, achar, desaparecer, se afastar e se aproximar são experiências que estão presentes desde o nascimento e que podem ser repetidas simbolicamente no brincar. A brincadeira de esconde-esconde, nesse sentido, é muito adequada, já que se sustenta numa tensão entre esconder-se e ser achado.

Gostaria de enfatizar o uso do termo *tensão*, não mais para tratar do brincar de esconde-esconde, mas para afirmar a importância de ter encontrado no pensamento de

Ogden (1996) um modo de compreender psicanaliticamente o homem, o que me ajudou muito na compreensão da dinâmica psíquica do modelo de mente psicanalítico. Segundo o autor, o processo pelo qual o sujeito se constitui é fundamentalmente dialético em sua natureza e, envolve a noção de que o sujeito é criado, sustentado e ao mesmo tempo descentrado por meio da inter-relação dialética entre consciência e inconsciente. Nesse sentido, a dialética é um processo em que elementos opostos se criam, preservam e negam um ao outro, cada um numa relação dinâmica e mutativa com o outro. O movimento dialético tende para integrações que nunca se realizam por completo, ou seja, a cada integração cria-se uma nova oposição, caracterizada pela tensão dialética. Além disso, o pensamento dialético implica numa relação de interdependência entre sujeito e objeto, na qual estes não podem ser compreendidos isolados um do outro. Dessa forma, Ogden (1996) afirma:

“Embora nenhuma palavra possa conter em si a multiplicidade, ambigüidade e especificidade de sentido necessárias, o termo *sujeito* parece particularmente adequado para transmitir a concepção psicanalítica do ‘eu’ que experiência, tanto num sentido fenomenológico quanto metapsicológico. O termo está etimologicamente ligado à palavra *subjetividade* e traz em si uma reflexividade semântica inerente, ou seja, denota simultaneamente sujeito e objeto, eu isto, eu mim (...) Assim sendo, o sujeito nunca pode estar totalmente separado do objeto e, portanto, nunca pode estar inteiramente centrado nele mesmo” (p.23).

Essa compreensão do sujeito da Psicanálise me ajudou muito para que minha discussão sobre realidade não caísse numa discussão filosófica da qual não tenho propriedade para desenvolver. Defini realidade interna e externa apenas pela oposição entre elas, num processo dialético de negação, preservação e criação mútuos. Utilizei-me de uma outra autora, Márcia Cavell (2000), para pensar o sentido de realidade na Psicanálise e, para fundamentar o pressuposto de que há um mundo objetivo com uma existência que independe de nossas crenças e desejos:

“Renunciar a idéia de que analista e paciente compartilham de um mundo comum, a despeito das diferenças de suas experiências sobre ele, tornará incompreensível a idéia de interpretação, pois interpretar requer que existam coisas comuns, como palavras que dizemos, as coisas que fazemos, a sala comum em que paciente e analista trabalham, para dar uma referência comum com base na a qual interpretação possa ser colocada, uma base de concordância ou discordância” (p.81).

Nesse sentido, a autora afirma pensar que, o espaço em que o pensamento pode ocorrer é triangulado, entre uma mente, outras mentes, e o mundo objetivo, passível de ser descoberto por cada uma delas, existindo independentemente de suas crenças e desejo, um mundo que elas compartilham de fato, e que sabem que compartilham.

Tratar sobre realidade interna e externa foi um desafio enorme para mim. Esse é um tema muito complexo e sobre o qual muitos autores se debruçaram. Minha maior dificuldade foi restringir e delimitar um caminho possível e lógico de relacionar os conceitos, dos quais, inicialmente, tinha uma vaga idéia. Além disso, fazer um trabalho teórico me exigiu uma dedicação muito grande para a compreensão de conceitos que precisam ser tratados com rigor.

Tentei fazer uma relação que acompanhasse o desenvolvimento de uma mente, desde o nascimento até o surgimento do brincar. Essa relação entre os conceitos de fantasia inconsciente, simbolização e brincar partiu de uma curiosidade sobre os processos de pensamento, mas que, pela minha pouca propriedade da teoria de Bion, não foi tratada neste trabalho e fica como uma sugestão para trabalhos posteriores.

## 7. Referências bibliográficas

- Aberastury, A. (1972). *A criança e seus jogos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bettelheim, B. (1903/1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Britton, R. (1998/2003). *Crença e imaginação: explorações em psicanálise*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago.
- Caper, R. (1990). *Fatos imateriais: a descoberta de Freud da realidade psíquica e o desenvolvimento kleiniano do trabalho de Freud*. Tradução de Maria de Fátima Cruz Marques. Rio de Janeiro: Imago.
- Caper, R. (2002). *Tendo mente própria*. Tradução de Haroldo Pedreira e outros. Rio de Janeiro: Imago.
- Cavell, M. (2000). Triangulação, mente própria e objetividade. *Livro Anual de Psicanálise, XIV*, 79-97.
- Cintra, E. M. de U. & Figueiredo, L. C. (2004). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. & Cintra, E. M. de U. (2010). *Melanie Klein*. São Paulo: Publifolha de São Paulo, Folha Explica, v. 76.
- Freud, S. (1908/1976). *Escritores criativos e devaneio*. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 149-162.
- Freud, S. (1915/1976). *O Inconsciente*. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 191-233.

- Freud, S. (1915/1976). Os Instintos e suas vicissitudes. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 137-168.
- Freud, S. (1920/1976). Além do Princípio de Prazer. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 17-90.
- Freud, S. (1925/1976). A negativa. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 293-302.
- Isaacs, S. (1952). Natureza e Função da Fantasia. Em: *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 79.
- Klein, M. (1926/1996). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. Em: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 152-163.
- Klein, M. (1929/1996). Personificação no brincar das crianças. Em: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 228-239.
- Klein, M. (1960/1991). Sobre saúde mental. Em: *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Coordenadora da Tradução Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 305-312.
- Ogden, T. (1996). Os sujeitos da psicanálise. Tradução de Cláudia Beliner. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodrigué, E. & Rodrigué, G. (1966). El contexto del proceso analítico. Buenos Aires: Paidós.

Segal, H. (1973/1975). Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago.

Segal, H. (1981/1082). A obra de Hanna Segal. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1971/1975). O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago.

## **8. Bibliografia consultada**

Barros, E. M. R. (2006). Afeto e imagem pictográfica: o processo de constituição de significado na vida mental. Em Avzaradel, J. R. (org). *Linguagem e construção do pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 169-188.

Carone, M. “A negação” um claro enigma de Freud. Xerox.

Coelho Junior, N. (1995). A força da realidade na clínica freudiana. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1911/1976). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. *XII*, 277-290.

Freud, S. (1920/1976). Além do Princípio do Prazer. Em: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. *XVIII*, 17-90.

Klein, M. (1924/1997). Uma neurose obsessiva em uma menina de seis anos de idade. Em: *A psicanálise de crianças*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 55-77.

Klein, M. (1930/1996). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego. Em: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 249-264.

Klein, M. (1959/1991). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. Em: *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Coordenadora da Tradução Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 280-297.